

Mulheres na defesa do tempo, da vida e da felicidade



Editorial

Neste dia *Internacional da Mulher*, **IHU On-Line** dá voz a diversas mulheres que falam sobre o trabalho, o movimento feminista, a família, a divisão do poder e do saber, sobre a busca de uma sociedade mais igualitária, uma visão e experiência de Deus e do religioso a partir da realidade das minorias, fazendo uma releitura da religião androcêntrica e patriarcal e sobre tantas outras coisas que, às vezes, são silenciadas. Rosiska Darcy de Oliveira, carioca, escritora, jornalista, advogada, conferencista de renome internacional, discorre sobre as conquistas do feminismo na sociedade e questiona a necessidade de equilibrar a vida pública e privada. A socióloga e pesquisadora Helena Hirata chama a atenção para desafios comuns e específicos do mundo do trabalho feminino nos três países por ela pesquisados: Japão, França e Brasil. As teólogas Ivone Gebara e Maricel Mena López refletem sobre a teologia feminista.

Neste número, ainda destacamos alguns eventos que o Instituto Humanitas Unisinos promove a partir do mês de abril. Entre eles, salientamos as audições comentadas da Paixão de Jesus Cristo segundo São Mateus de J. S. Bach, cujos excertos serão apresentados pela orquestra e coral da Unisinos, tanto em São Leopoldo como Porto Alegre, o Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, cujo vigésimo aniversário de morte celebramos neste ano e o Ciclo de Estudos sobre **O Método** de Edgar Morin. Ainda neste mês de abril, inicia o 2º Ciclo de Estudos sobre o Brasil.

A todas as mulheres, especialmente as que fazem o IHU e a Unisinos, dedicamos este boletim.

Uma ótima leitura a todas e todos e uma excelente semana!

REENGENDRAR O TEMPO: UMA PROPOSTA SOBRE O SENTIDO DA VIDA

Entrevista com Rosiska Darcy de Oliveira

Com mais de 30 anos de feminismo, Rosiska Darcy de Oliveira, aponta, na entrevista concedida por telefone a IHU On-Line, que o principal desafio da contemporaneidade é encontrar um equilíbrio entre a vida pública e a privada, sendo que a tendência predominante tem sido sacrificar a vida privada. Para ela, uma das grandes conquistas das mulheres foi a tomada de consciência de seu lugar, sem necessitar se igualar aos homens e sim de ser apenas diferente e estar reivindicando direitos iguais para pessoas diferentes.

Rosiska Darcy de Oliveira, carioca, escritora, jornalista, advogada, conferencista de renome internacional, é consultora do BID para promover a emergência do feminino na cultura. Representou o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres da OEA e preside o Centro de Liderança da Mulher – CELIM no Rio de Janeiro. É autora de *A dama e o unicórnio* e de *Outono de ouro e sangue*, ambos publicados pela Rocco. *Elogio da diferença*, o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991 e *Reengenharia do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Sobre este livro cf. a resenha publicada no *IHU On-Line* nº 85 do dia 24 de novembro de 2003. Rosiska Darcy de Oliveira publicou no sábado passado, dia 6-3-04, no jornal *O Globo*, um bela resenha do livro *Mulheres de palavra*, organizado por Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

IHU On-Line – Com base em sua experiência de mais de 30 anos em movimentos feministas, quais foram as mudanças principais, ocorridas no feminismo, em cada uma dessas décadas?

Rosiska Darcy de Oliveira – No movimento feminista, houve uma apuração. No começo, nós lutávamos pela igualdade com os homens e ainda não tínhamos percebido que o nosso esforço fundamental era para que se reconhecesse que a humanidade é formada de dois sexos e não apenas de um ao qual tínhamos que nos igualar. A nossa luta era pela igualdade dos direitos civis, políticos, corporais, e não igualdade com os homens. Em 1991, publiquei um livro chamado *Elogio da Diferença*¹, em que eu justamente afirmo a diferença entre homens e mulheres e a necessidade de que a sociedade deve evoluir no sentido de admitir que a humanidade era feita de dois sexos e que a sociedade tinha que acolher estes dois sexos diferentes de maneira igual. E esse era o grande desafio da sociedade, o grande desafio da democracia. Hoje o movimento feminista insiste mais nessa linha de que as mulheres sejam reconhecidas como elas são. Este é o meu ponto de vista dentro do movimento feminista. Evidentemente há outros.

IHU On-Line- Quais as principais transformações impulsionadas pelos movimentos feministas na sociedade?

Rosiska Darcy de Oliveira- Os principais impactos provieram de vários fatores, evidentemente do trabalho do movimento feminista, sem dúvida nenhuma, mas também de mudanças no mundo. O que mais determinou a mudança no estatuto das mulheres foi a contracepção, a possibilidade do controle do corpo. Em segundo lugar, a independência econômica, o acesso ao mundo do trabalho, que foi facilitado inclusive pela contracepção. Antigamente as mulheres

¹ *Elogio da diferença*, o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991.

tinham muito mais filhos do que hoje e por isso tinham muito mais dificuldade de acesso ao mundo do trabalho. Hoje as mulheres têm independência econômica. Basta dizer que metade da população economicamente ativa brasileira é feminina. Essa é uma mudança fundamental na economia. As mulheres passaram a ter acesso a um universo cultural muito maior do que tinham antes. Basta ver que elas são 51% das matrículas em todos os níveis escolares. Elas progrediram pouquíssimo no que concerne à política. O que não quer dizer que elas não tenham progredido em relação ao político, que é uma coisa diferente. Na política formal, política partidária, há uma pequena representação de mulheres no Congresso, muito insignificante, expressiva do ponto de vista dos seus conteúdos, mas insignificante do ponto de vista numérico. Penso que a política não esgota o político. Nós temos uma vida política muito mais ampla do que simplesmente o Congresso Nacional ou as Assembléias. As mulheres têm um papel fundamental na sociedade brasileira, provocam um impacto cultural muito grande e um impacto na mídia, que hoje é um fator essencial de transformação da sociedade. A mídia hoje tem uma participação ativa das mulheres. Eu creio que isso tudo são fatores importantes de transformação nesses anos. Talvez a coisa mais importante seja a tomada de consciência de não ser inferior aos homens e, portanto, não ter que se igualar a eles, mas de ser apenas diferente e estar reivindicando direitos iguais para pessoas diferentes. Isso é essencial.

IHU On-Line - A senhora assinala, no livro *Reengenharia do Tempo*², a articulação entre vida pública e vida privada como um dos núcleos problemáticos do mundo contemporâneo. Poderia explicar um pouco mais?

Rosiska Darcy de Oliveira – Esse é o grande desafio hoje para a emancipação das mulheres, e eu diria também dos homens, e uma melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo. Houve um momento, uma primeira fase em que as mulheres estavam “transgredindo” a lei não escrita: não permitir que tivessem acesso ao mundo dos homens, e aceitaram uma negociação muito desfavorável no momento da entrada. Quem transgride sente culpa, e quem “concede” impõe condições. A nós, mulheres, foi imposta a seguinte condição: vocês entrem no mundo dos homens e deixam de ser mulheres. Isso significa esconder tudo aquilo que compõe a vida das mulheres, ou seja, a vida privada, os filhos, a gravidez. Para entrar no mundo dos homens, as mulheres tinham que fingir que não existiam como mulheres. É como se o mundo do trabalho fosse apenas dos homens e devesse continuar sendo dos homens. E as mulheres que entrassem lá, deveriam se comportar como homens. Com o que, num primeiro momento, elas conformaram. O resultado disso foi um agravamento muito grande da necessidade de fazer existir duas vidas dentro de 24 horas, o que é uma coisa evidentemente impossível. Num segundo momento, começaram as desavenças com os maridos, as cobranças, a necessidade de equilibrar o tempo dentro de casa. Os homens ainda se recusam a assumir essas responsabilidades privadas. Mas o problema não está só aí. O problema está na articulação entre vida pública e privada. Mesmo àqueles homens que gostariam de ter uma participação maior na vida privada, lhes falta tempo, porque trabalham o dia inteiro. Duas pessoas que trabalham em tempo integral sacrificam vida privada. A reengenharia do tempo é uma proposta de reorganização, de rearticulação entre os tempos da vida privada e os tempos da vida pública, levando-se em conta que hoje não há mais uma mulher na retaguarda da vida privada como havia antes. Hoje, quando se fala em provedor, as pessoas pensam em um servidor virtual, não pensam num homem que sustenta a casa. Atualmente, há pouquíssimos homens que sustentam sozinhos a casa. Estatisticamente é insignificante na economia brasileira.

² **Reengenharia do Tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

IHU On-Line – Como esse desequilíbrio entre a vida privada e a pública interfere no casamento e na família contemporânea, caracterizada por tantos conflitos nos casamentos?

Rosiska Darcy de Oliveira – Se houvesse uma reengenharia do tempo, teríamos a solução de muitos problemas conjugais. As pessoas não têm tido tempo para se amarem suficientemente. Há uma absorção tamanha por funções públicas que não resta tempo para o amor entre os cônjuges, entre os filhos, entre as pessoas mais idosas, entre as pessoas doentes que precisam de nós. Se houvesse uma reestruturação do tempo, com defesa de tempo para a vida privada, muitos dos conflitos internos desapareceriam. A vida amorosa ganharia uma outra importância, se nós pensássemos mais no sentido da vida. A reengenharia do tempo, na verdade, é uma proposta sobre o sentido da vida. O que quero me perguntar é isso: o que estamos querendo da vida? Apenas consumir? Será que isso justifica nossa existência? Eu, pessoalmente, respondo que não. Essa talvez é a grande “tara” do nosso tempo, de que todos devem mergulhar de cabeça numa vida de consumo desenfreada, que exige cada vez maiores recursos, e para isso ter cada vez mais trabalho, e para isso cada vez ter mais tempo, gasto no trabalho e roubado das relações afetivas. É preciso reequilibrar a balança, dando peso às relações afetivas e também ao trabalho, à realização profissional, com o devido equilíbrio.

IHU On-Line - De que maneira pode acontecer um equilíbrio entre o profissional e o privado numa sociedade como a brasileira. Que políticas públicas seria necessário implementar?

Rosiska Darcy de Oliveira – A reengenharia do tempo não é uma solução para o desemprego. Essa é uma situação infinitamente mais complexa, muito mais grave do que se vem descrevendo e que só tende a piorar. Isso porque os empregos que desaparecem, pelo menos os empregos industriais, não voltarão, qualquer que seja o crescimento econômico, porque a economia moderna prescinde de mão-de-obra. Ela é baseada muito mais na criação e nas idéias do que na força física ou na presença física das pessoas. Portanto, a sociedade tem que ser completamente repensada. É preciso parar de enganar as pessoas dizendo que os empregos voltarão, porque eles não voltarão. Se se trabalhasse menos tempo, mais pessoas trabalhariam. Não estou dizendo que seja uma solução para o desemprego. É preciso aprender a viver com outros valores que não sejam apenas os do consumo, porque eu não acredito que eles possam vir a ser satisfeitos. É preciso uma reforma infinitamente mais global da nossa economia. A mão-de-obra deveria ser absorvida fundamentalmente na solução dos problemas sociais e há problemas sociais imensos que pediriam mão-de-obra. Todas as políticas de acolhida de pessoas, as políticas de melhoria da vida das pessoas são lugares de absorção de mão-de-obra importante. O Estado é um grande empregador e ele deveria ser o primeiro a dar exemplo de uma reengenharia do tempo. O Estado poderia fazer isso, porque não ignora que a grande parte da violência que estamos vivendo se deve ao imenso abandono das crianças e dos jovens. E não adianta tentar culpar as mulheres por esse abandono. Elas não deixam os filhos em casa só porque querem e até deveriam querer, porque têm o direito à realização profissional, mas elas deixam em casa, sobretudo, porque elas precisam trabalhar para viver. Exatamente porque há o desemprego. Nenhuma família pode hoje se permitir viver com apenas um salário. Se houvesse uma reengenharia do tempo, uma diminuição, uma reorganização da jornada de trabalho, mães e pais teriam condições de dar um melhor enquadramento a seus filhos e à sua família. A reengenharia do tempo é uma política pública em si.

IHU On-Line – Essa reengenharia do tempo também traria consequências importantes em relação à construção da identidade, já que hoje muitas pessoas se definem ou

apresentam pelo trabalho que fazem, ou até pela falta dele, no caso “sou um desempregado”?

Rosiska Darcy de Oliveira – A reengenharia do tempo ajudaria demais a mudar a mentalidade das pessoas em relação a permitir que o indivíduo se defina pelo que ele é, e não pelo emprego que tem ou não tem. O que ele é, é muito mais do que o emprego. Um ser humano é membro de uma comunidade, de uma família, é amigo dos seus amigos, é membro de um clube, é membro de uma atividade voluntária. Ele é muitas coisas, é amante de alguém, mãe ou pai de seus filhos, é uma série de coisas. As pessoas não podem ser definidas apenas pela sua mão-de-obra. Isso faz parte da ideologia de uma sociedade de consumo que está nos levando a um enorme desastre. É um desastre essa sociedade.

IHU On-Line - Quais os rumos que podem se prever para uma sociedade assim?

Rosiska Darcy de Oliveira – Em abril vou fazer uma conferência sobre isso. Essa é uma pergunta realmente complexa. Desde 1992, quando eu coordenei o Planeta Fêmea, aqui no Rio de Janeiro, venho insistindo que nós tínhamos chegado a um impasse na civilização. Nós estamos realmente nesse impasse. Não vamos poder continuar vivendo com a demanda predatória da terra que nós temos hoje. Temos que combater isso, refazer os objetivos da civilização. A reengenharia do tempo também é um dos elementos desse refazer civilizatório em nome de novos valores.

IHU On-Line – Que mensagem daria às mulheres no dia Internacional da Mulher?

Rosiska Darcy de Oliveira – Digo a elas que pensem no sentido da vida, pensem no tempo, defendam o seu tempo e a sua felicidade.

AS MULHERES NO MUNDO DO TRABALHO

Entrevista com Helena Hirata

Helena Hirata é socióloga especializada em comparações internacionais do trabalho e das relações de gênero, formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Militante feminista e pesquisadora do GEDISST (Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho) e do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica) da França. Entre outros livros, é autora de **Sobre o Modelo Japonês. Automatização, novas formas de organização e relações de trabalho**. São Paulo, EDUSP/Aliança Cultural Brasil Japão, 1993. E **Nova divisão sexual do trabalho? O olhar voltado para a empresa e a sociedade**. Boitempo: São Paulo, 2002. Cfr. resenha publicada no IHU On-Line Nº 42, publicado no dia 11 de novembro de 2002..

IHU On-Line - Como vê os movimentos feministas atualmente e em que eles contribuíram na luta das mulheres no mundo do trabalho?

Helena Hirata – Desde os anos 1970, os movimentos feministas começaram a se desenvolver em todo o mundo. No Brasil e na América Latina, sobretudo a partir de 1975, quando se reuniu, na Cidade do México, a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, patrocinada pela ONU, surgiram jornais, imprensa feminista, etc., e desde então as mulheres têm participado de muitas lutas que, às vezes, não são feministas no sentido estreito, mas que são mais amplamente movimentos sociais, por exemplo, de luta para melhores habitações, creches, ruas iluminadas, toda uma série de movimentos sociais, de moradia, de melhores condições de vida, que são lutas mais amplas do que propriamente feministas, mas em que as mulheres têm tido um papel bastante importante.

IHU On-Line - A senhora pesquisa há algum tempo a realidade das mulheres e o mundo do trabalho no Japão, França e Brasil. Qual é o principal desafio comum a esses países e qual as principais diferenças?

Helena Hirata – O problema e o desafio comum é que continua a haver desigualdades muito importantes entre homens e mulheres, tanto no trabalho profissional e no doméstico, no interior da família, quanto nas relações de poder, isto é, nos diferentes parlamentos, senados, assembleias, etc. O poder está muito mal dividido. Os homens são detentores de poder, tanto nos senados e parlamentos quanto nos sindicatos, nas universidades... Os melhores postos, os postos onde há mais poder, são ocupados por homens. Quanto ao trabalho doméstico, são as mulheres que o realizam, gratuito, o que permite aos homens se dedicarem mais à carreira, à formação, à melhor instrução. O desafio nesses três países é enfrentar essa desigualdade entre homens e mulheres e tentar instaurar e lutar por uma igualdade. No Japão, há muita dificuldade para as mulheres repartirem o trabalho doméstico com os homens. Também há muita diferença no investimento nas fábricas, nas empresas industriais. As mulheres não conseguem ascender ao grau de executivas, por exemplo, de nível superior, elas são sempre operárias, são sempre trabalhadoras de tempo parcial, muito mal pagas. Na França e no Brasil, há um número restrito, mas já significativo de mulheres que têm uma posição de executivas, ou que exercem profissões de nível superior. O Japão tem um nível maior de opressão sobre as mulheres. Quando comparamos o número maior de horas de trabalho doméstico, vemos que na França, uma mulher casada, com filhos pequenos, trabalha em casa, em trabalho doméstico, quatro horas e meia, e os homens duas horas e meia, enquanto, no Japão, as mulheres trabalham mais ou menos quatro horas e meia, e os homens trabalham apenas meia hora por dia. No Brasil, não existem estatísticas sobre o tempo de trabalho doméstico. Mas há uma diferença muito grande em relação à França e ao Japão, que é a presença das empregadas domésticas e das diaristas cujo número é muito restrito para pessoas de muitos recursos, na França e no Japão, onde, em geral, não há tantas empregadas domésticas e diaristas como no Brasil. Isso significa que as mulheres podem dedicar mais tempo ao trabalho profissional. As mulheres que, sem possibilidades de terem diaristas ou empregadas domésticas, precisam trabalhar muito em casa e fora de casa. Há, ainda, o problema de ausência de creches. Embora o número tenha aumentado um pouco, ainda é nitidamente insuficiente em relação ao número de crianças que precisam de creche, de escolas maternais, etc., o que torna a situação bastante difícil. No Brasil, as empregadas domésticas constituem mais ou menos 20% da população trabalhadora feminina.

IHU On-Line - Um comentário do seu livro *Nova Divisão Sexual do Trabalho*, diz que de sua pesquisa resulta uma reconceitualização do trabalho em sua subjetividade ao mesmo tempo sexuada e de classe. Poderia explicar um pouco mais essa reconceitualização?

Helena Hirata – A reconceitualização do conceito de trabalho é que, em geral, os economistas, os sociólogos, consideram o trabalho unicamente como trabalho assalariado, o trabalho profissional. Temos que estender e ampliar o conceito de trabalho bem para além do trabalho profissional e assalariado, porque o trabalho doméstico também é um trabalho e tão nobre e criador de riqueza quanto o trabalho profissional, com a única diferença que ele não é pago, é efetuado gratuitamente pelas mulheres e por amor pelo marido, pelo companheiro, pelos filhos, etc. O trabalho informal que existe no Brasil em maior quantidade que o trabalho formal, também é um trabalho. Tão digno e produtor de riquezas quanto o trabalho formal. A reconceitualização é incluir todas as formas de trabalho que estão fora do circuito mercantil,

mas que são atividades produtoras de riquezas, de toda uma série de bens que são extremamente necessários para os homens e para as mulheres.

IHU On-Line – Há autores que assinalam como caminhos para sair da crise no mundo do trabalho atual, a questão da redução da jornada, ou a separação de trabalho e renda. O que a senhora acha disso?

Helena Hirata – Se for possível diminuir a jornada de trabalho e repartir o tempo que é ganho para outros trabalhadores desempregados, isso seria certamente um bom caminho. As dificuldades que temos visto aqui na França é que a diminuição da jornada que houve por lei, de cima para baixo, que chamamos de *Lei Aubry*, em alusão à Ministra do Emprego, do governo de esquerda que precedeu o governo atual de Jacques Chirac, não criou tantos empregos novos, porque, muitas vezes, o tipo de emprego oferecido não corresponde necessariamente com o tipo de mão-de-obra que se oferece para esses empregos. Às vezes, existe esse problema de adequação. A questão da renda, de que todo mundo tem direito a trabalho e a renda, continua sendo um objetivo e uma idéia importante, porque, hoje em dia, com a crise do emprego e do trabalho, com a crise econômica que tem redundado numa diminuição muito grande de salários e desigualdade maior entre ricos e pobres, se não se propõem soluções políticas de criação voluntarista de mais empregos e de direitos sociais sobretudo, de direitos sociais fundamentais, a situação evidentemente se torna, inclusive na França, cada vez mais intolerável.

IHU On-Line – Essa idéia de separação de trabalho e renda é uma utopia?

Helena Hirata – Não é uma utopia, mas temos que ver em que contexto é proposta essa separação entre renda e trabalho. Muitas vezes, isso pode ser considerado como uma ótica assistencialista pelos próprios beneficiários. É importante que as pessoas não se sintam como assistidos, como recebendo uma esmola, ou uma renda que não corresponde ao que a pessoa mesmo desejaría fazer para ter o direito a essa renda, a esse trabalho. É importante que o trabalho seja considerado do ponto de vista do seu sentido. O que o homem e a mulher sentem pelo fato de trabalharem, o sentido que isso dá para a vida deles, é uma coisa importante. Outorgar uma renda não vai substituir esse sentido do trabalho.

IHU On-Line – Muitas empresas atualmente estão passando por situações de terceirização e redução de mão-de-obra. Isso cria um ambiente de muito medo e insegurança nos trabalhadores. Como especialmente isso é vivido pela mulher?

Helena Hirata – Para a mulher a situação é bem pior do que para o homem, porque o homem acha que ele tem direito ao trabalho e para as mulheres o direito ao trabalho é sempre um ponto de interrogação. As mulheres não se sentem legitimadas do fato de trabalharem, porque existe uma ideologia dominante de que elas têm um trabalho complementar ao dos homens, ou que cabe às mulheres principalmente cuidar da família, das crianças e trabalhar para elas é secundário. Elas têm dificuldade de sentir a legitimidade do seu trabalho. Quando elas vêm uma fila de desempregados, ou quando elas estão numa empresa terceirizada, com mão-de-obra terceirizada, sua insegurança é ainda maior que a dos homens que já é muito grande. A experiência de terceirização tem aumentado enormemente junto com a questão da flexibilidade. Porque a flexibilidade do emprego, do tempo de trabalho, tem se acentuado bastante e graças à terceirização, ao tempo parcial, houve essa possibilidade de as empresas conseguirem explorar a força de trabalho.

IHU On-Line – Na França e no Japão, isso se dá da mesma maneira?

Helena Hirata – No caso da terceirização, ela é muito mais desenvolvida em países como o Japão, que empregam pouquíssimas pessoas em trabalho regular, porque ele custa caro, é pouco flexível. O número de trabalhadores terceirizados é bem mais importante sobretudo depois da crise, isto é, nos últimos cinco anos. A conciliação que as mulheres devem fazer entre vida profissional e vida familiar é bastante mais complicada, porque elas contam realmente com pouquíssima possibilidade de creches, de escolas, de maternais, muito menos do que no Brasil ou na França. Isso torna realmente a situação das mulheres japonesas bem mais vulnerável. Uma situação comum a todas as mulheres dos três países é essa terceirização da economia, o fato de que houve um aumento importante do setor de serviços nos três países, e esse setor de serviços, que é o comércio, os serviços pessoais, etc., tem absorvido muito a mão-de-obra feminina, inclusive, em setores que tornam a conciliação de uma certa forma mais simples, como o esquema do teletrabalho, do trabalho a domicílio, com terminal de computador, mais artesanal. Quando eu estive no Rio Grande do Sul para fazer pesquisas em setores como a indústria de vidro, eu vi que há muito trabalho a domicílio, por exemplo, para a indústria de calçados, que é feito pela família em casa. Esse tipo de trabalho a domicílio e a indústria de serviços de maneira geral é um traço comum aos três países e é provocado por todas essas similitudes, convergências que provêm do movimento de globalização econômica e financeira, que aproxima a situação de países muito diferentes.

IHU On-Line – Haveria, então, uma flexibilização mais a serviço da pessoa humana, e uma outra que é mais exploradora?

Helena Hirata – Poderia haver uma flexibilidade mais estruturadora, mais enriquecedora para as próprias pessoas, mas, nesse caso, são elas que deveriam propor formas de flexibilidade que consideram úteis e positivas. O problema é que o tempo parcial que permite conciliar melhor a atividade familiar e a atividade profissional nem sempre é uma flexibilidade escolhida pelas pessoas. Muitas vezes, ela é imposta pelas empresas. Aqui na França, todo o comércio, os supermercados, os grandes departamentos, como a Galeria Lafayette, só empregam vendedoras em tempo parcial, a metade do tempo integral, que é hoje de 39 horas por semana. Elas não querem trabalhar a metade do tempo, porque o salário não é suficiente para poder pagar um aluguel, telefone, gás, luz, etc. São formas de flexibilidade impostas pelas empresas.

IHU On-Line – Como a senhora vê os altos índices de desemprego, no Brasil, uma vez que as expectativas para esse governo eram bem diferentes?

Helena Hirata – Eu não sei o que tem sido dito pelo governo em termos de resolução do problema do desemprego, se o governo considera que vai ser resolvido num segundo momento ou mais tarde. O problema do desemprego no Brasil é muito grave. Houve um desemprego estrutural muito importante. Não é que, de repente, surgiu uma grande taxa de desemprego que tem se agravado, mas a situação de falta de emprego pelo tipo de desenvolvimento capitalista no Brasil foi um dado mais ou menos estrutural. Os projetos de políticas industriais setoriais têm sido elaborados no sentido de considerar a questão da criação de emprego. A eficácia das medidas desse tipo são relativamente limitadas e as políticas diretamente sociais, ou de criação de empregos, políticas mais diretamente sociais, aparentemente não têm sido priorizadas no governo atual, infelizmente.

IHU On-Line – Isso mostra o lugar que se dá ao trabalho numa sociedade? Que lugar deveria ser dado?

Helena Hirata – O trabalho é absolutamente central na sociedade, mesmo para os desempregados, porque estão à procura de trabalho. Para as mulheres, mesmo as que estão

em casa, que não trabalham fora, etc., o trabalho faz parte de todos os momentos da vida delas, porque todo trabalho doméstico é como outro tipo de trabalho. Existe uma importância estruturadora da personalidade das pessoas pelo trabalho. É realmente algo extremamente central para a sociedade, para as empresas, em relação à construção social, à educação, a todos os pontos de vista. Parece-me que há uma centralidade do trabalho tanto na vida social quanto para a construção da subjetividade das pessoas, inclusive problemas sociais, como a fome, se resolveriam com propostas de trabalho.

IHU On-Line – Como implementar uma nova organização sexual do trabalho e portanto uma mudança na esfera doméstica e na divisão tanto do saber quanto do poder entre os sexos?

Helena Hirata – Realmente os homens têm um lugar privilegiado na sociedade, tanto nas empresas, nas organizações, quanto no interior das casas, das famílias, etc. Os homens, mesmo os mais bem intencionados, os nossos próprios maridos, companheiros, etc., não vão deixar de lado seus privilégios, se não houver uma correlação de forças. É necessário o estabelecimento de uma correlação de forças, para que os homens abandonem uma parte de seus privilégios e consintam em viver de uma forma igualitária com as mulheres e com menos privilégios. Isso não virá sem luta, sem mobilização, sem movimento feminista.

IHU On-Line- Quais os problemas que mais se ocultam no mundo do trabalho feminino?

Helena Hirata- A questão do assédio sexual, por exemplo, é muito forte. Ao mesmo tempo, em um mesmo lugar, pode haver tanto exploração econômica quanto opressão sexual. Em geral, o assédio sexual, moral é exercido por chefes contra as mulheres no universo profissional, o que é muito grave, porque provoca traumatismos importantes do ponto de vista psicológico e até leva mulheres ao suicídio, à depressão. Isso é muito mais comum do que imaginamos, só que, em geral, fica oculto, porque as mulheres, em vez de denunciarem, se culpam, quando, na realidade, são vítimas. Esse problema pode se encontrar em todos os tipos de trabalhos em que mulheres estejam sob a hierarquia de homens. Não acontece com as mulheres diretoras ou presidentes de empresas, mas é um número ínfimo de mulheres que ocupam posições desse nível na sociedade brasileira e mesmo nas outras como a francesa e japonesa.

IHU On-Line- O que está pesquisando atualmente?

Helena Hirata- Atualmente, estou pesquisando o desemprego nos três países com uma equipe no Brasil, na França e no Japão. Os tipos de desempregados, os casos dos jovens que buscam seu primeiro emprego, o caso das mulheres que tiveram crianças pequenas e deixaram de trabalhar e depois voltaram ao mercado de trabalho, quando os filhos cresceram. Pesquisamos operários industriais que foram mandados embora por causa da crise. Tentamos pesquisar a representação que essas pessoas fazem do desemprego, como elas vivem o desemprego e quais são as instituições que ajudam ou que são solidárias. Nesse momento, no caso do Brasil, identificamos que a Igreja é um sustentáculo. Ela apóia e respalda as pessoas em crise por falta de empregos. Há também escassos programas governamentais, mas dão pouco respaldo material. E, fundamentalmente a família, no Brasil, se mostra como a maior rede de solidariedade.

IHU On-Line- Uma mensagem para o Dia Internacional da Mulher.

Helena Hirata- Hoje em dia, graças ao avanço do nível de educação, as mulheres são mais escolarizadas e mais diplomadas do que os homens em todos os níveis. Esse nível de qualificação não corresponde ao tipo de emprego, de salários ao que elas deveriam ter direito.

Há um abismo muito grande entre a formação, cada vez maior, das mulheres em todo o mundo, inclusive no Brasil e a falta de oportunidades em termos de empregos qualificados, valorizados socialmente, bem pagos, etc. Acho que é fundamental uma reflexão das mulheres mais qualificadas que leve em conta as diferenças entre homens e mulheres, de classe social e de etnias, porque, no Brasil, por exemplo, as mulheres brancas ganham mais do que os homens negros, então a reflexão tem que levar em conta a questão de gênero e também de raça. Todas as condições históricas e sociais começaram a existir um dia e podem deixar de existir, se houver uma reflexão e uma construção de estratégias contra esse estado de coisas. A igualdade pode ser uma utopia em direção à qual devemos nos dirigir.

AS MULHERES E A TEOLÓGIA DA HERMENÊUTICA DA SUSPEITA PARA A RELEITURA FEMINISTA Entrevista com Ivone Gebara

*Doutora em filosofia pela PUC –SP, com uma tese sobre Paul Ricoeur, Ivone Gebara é religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora. Estudou teologia e em 1973 se transferiu para Recife. Durante 17 anos foi professora de Teologia e Filosofia no Instituto Teológico de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. É assessora de grupos populares, especialmente de mulheres. É professora visitante em diferentes universidades e centros de aprendizado no Brasil e no exterior. Em 1998, defendeu a tese doutoral em Ciências Religiosas em Louvain, Bélgica, sobre o problema do mal feminino, traduzido para diferentes línguas. Por mais de 15 anos tem vivido num bairro popular de Camaragibe, a 25 Km de Recife. Membro da Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo, ASETT e do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero (NEMGE) - SP e consultora de diferentes organizações populares. Publicou vários artigos e livros dos quais os mais recentes são: **Teologia Ecofeminista**. São Paulo Olho d'Água, 1988; **Le mal au féminin - Réflexions Théologiques à partir du féminisme**. Paris: L'Harmattan, 1999 e **Longing for Running Waters**. Minneapolis: Fortress Press, 1999; **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis:Vozes, 2000.*

IHU On-Line – Como a senhora vê o movimento feminista atualmente ?

Ivone Gebara – Devemos pensar mais no movimento feminista a partir do final do século XX. Ainda estamos bem no começo do século XXI e não sabemos quais são as voltas que o movimento vai dar. O movimento feminista é extremamente plural. Muitas coisas até contraditórias são chamadas de feminismo. Estou falando especialmente na América Latina e, mais particularmente, no Brasil. Mas, de maneira geral, eu situaria o movimento feminista como um movimento social de cidadania das mulheres, uma cidadania que quer ser plena, que não significa necessariamente igual a dos homens. Eu não estou dizendo que a cidadania de todos os homens é real. Sabemos que a grande maioria da população masculina não chega ao Brasil a ser, de fato, cidadã. Mas, enfim, a raiz do movimento feminista é um movimento de luta por direitos de cidadania, direitos de igualdade, direitos diante da lei, direitos na família, na religião, em todos os setores da atividade humana uma igualdade de direitos, mas diferenciada evidentemente para a realidade das mulheres.

IHU On-Line – Como surgiu o que chamamos de teologia feminista e como ela se relaciona com os movimentos feministas atuais?

Ivone Gebara – No Brasil, a teologia feminista toma corpo especialmente na década de 1980. E ela, sem a menor dúvida, recebe um grande impulso da militância dos movimentos de mulheres e esses movimentos, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro, um pouco no

Recife, onde eu moro, buscavam a cidadania feminina e também especialmente discutiam algumas questões que precisavam ter um debate público maior, por exemplo, todas as questões relativas ao corpo e à sexualidade, além de todo o aspecto da legislação. Na década de 1980, algumas mulheres que tinham terminado seus cursos de teologia e estavam fazendo mestrado e doutorado em teologia, tiveram a idéia de se reunir, em nível latino-americano. A primeira reunião foi em 1980, em Buenos Aires. Depois, havia muitas brasileiras e seguimos nos reunindo periodicamente. O grande impulso que foi dado a uma teologia feminista veio, sem a menor dúvida, do movimento de mulheres e desse ambiente social que nós vivemos a partir da década de 1980, que é a afirmação do direito dos excluídos, de afirmação de cidadanias diferentes. Tudo isso fez com que a teologia feminista se organizasse em torno de uma releitura da Bíblia, em primeiro lugar, tentando sair do genérico humano, o humano, o homem. Tentamos fazer uma leitura em que vimos quais eram os papéis masculinos e femininos na Bíblia e consequentemente buscamos também o que chamamos de hermenêutica feminista, da qual um dos itens é a hermenêutica da suspeita. Suspeita-se das interpretações que nos foram dadas, na medida em que elas sublinham muito mais o valor masculino do que o feminino, sublinham o homem masculino como imagem de Deus, representante de Deus, lugar específico e talvez mais importante da manifestação do divino.

IHU On-Line- Como foi a passagem da hermenêutica da suspeita a uma releitura feminista?

Ivone Gebara- Depois veio uma hermenêutica mais construtiva e criativa em que as mulheres tentam expressar a sua própria experiência religiosa. Dávamo-nos conta de que tínhamos uma percepção diferente de Deus. É muito interessante como há uma espécie de devolução da experiência do divino nos limites do corpo feminino, nos limites da valorização da pessoa das mulheres, nos limites da sua contribuição intelectual, nos limites da construção da Igreja. Isso também toca à teologia, de tal forma que se repensa a questão Deus, se repensa também uma compreensão diferente da salvação, a partir da qual mulheres e homens são incluídos de uma forma igualitária. As mulheres não têm que passar pela mediação masculina, mas mulheres e homens são mediadores dos processos de salvação. No século XXI, eu tenho percebido uma crise na teologia feita pelos homens e tenho percebido também uma crise na teologia feita pelas mulheres, no sentido de que, indubitavelmente, os homens não têm apresentado nenhuma temática teológica nova. Isso é devido à situação atual, que mereceria uma análise mais apurada. As mulheres vivem uma outra realidade, porque a teologia feminista não conseguiu direito de cidadania nas instituições religiosas dirigidas por homens. A teologia feminista ensaiou alguns espaços no final do século XX, mas agora praticamente são pouquíssimos os seminários ou institutos de teologia que ainda guardam uma cadeira de teologia feminista ou levam em consideração à teologia feminista em sua abordagem teológica. Creio que os protestantes nesse particular, por exemplo, a Faculdade Luterana no Rio Grande do Sul abre mais espaços para a teologia feminista e a tem trabalhado mais. Os metodistas em São Paulo também. Nas faculdades católicas, estamos marcando passo. Não demos o passo na introdução do feminismo na teologia.

IHU On-Line - Quais seriam os traços mais excludentes dentro da teologia clássica, inclusive da teologia da libertação, no sentido da mulher?

Ivone Gebara – Os traços excludentes vêm e não vêm da teologia. Primeiro é bom dizer que não vem, porque a teologia é a expressão de uma cultura. A teologia não se produz por ela mesma, independente de uma cultura patriarcal. E a cultura patriarcal realmente do ponto de vista público, do pensamento, das idéias, privilegia o masculino. E privilegia o feminino para o

mundo doméstico. A teologia clássica e também a teologia da libertação são dependentes das estruturas culturais onde elas brotam. Elas não são, de forma alguma, oásis ou ilhas à parte que vão incluir as mulheres. Nós somos aquilo que somos e a teologia entra nisso também. O primeiro traço excludente vem de que ela nasce dessa cultura androcêntrica, centrada mais no homem masculino, no que se refere a poder, decisões públicas, decisões econômicas, representatividade. Segundo, eu acho que a antropologia teológica ou cristã, embora fale de uma igualdade abstrata, no concreto ela se expressa pela desigualdade de gêneros.

IHU On-Line- Quais as consequências de uma teologia construída pelas desigualdades de gêneros?

Ivone Gebara- A teologia é construída em torno de uma imagem de Deus masculina, muito embora já tenhamos progredido e dito não, são imagens, é verdade, mas essas imagens é que povoam ainda o imaginário teológico. As categorias ainda são dependentes desse imaginário teológico masculino. Estes seriam os traços do ponto de vista teológico-sistemático. Isso percorre todo o resto. Os ministérios, a prática sacramental, o poder nas instituições da Igreja, também o poder no saber, por exemplo, para mulheres são proibidos certos cursos de teologia, como teologia sistemática, elas podem dar alguns tratados menores. Isso não vem da boa ou da má vontade dos homens. Vem dessa construção que está aí há bastante tempo, que se acentuou na Idade Média e na época moderna. Isso tudo leva o cristianismo hoje a uma crise de identidade.

IHU On-Line – Em que consiste essa crise de identidade do cristianismo atual?

Ivone Gebara – Vejo a presença da crise quando se trata de lideranças, cientistas, intelectuais, grupos de movimento popular, lideranças de bairro, que buscam um caminho ético, de luta em favor do bem comum. É como se o referencial teológico não fosse mais suficiente. É como se o sentido deixasse a desejar. A linguagem, construída num tempo específico, do Concílio de Trento, uma linguagem meio hermética, que já não toca mais os corações. Para esses grupos, é interessante quando a gente começa a resgatar a dimensão ética do Evangelho, do movimento de Jesus, todo mundo se entusiasma. Quando se passa a falar alguma coisa de dogma todo mundo já arrefece. Essa crise também é parte da crise do mundo. Outras religiões têm o mesmo problema. O judaísmo fala de crise, o islamismo fala de crise, uma crise de identidade diante dessa situação atual do mundo. Estamos todos em busca.

IHU On-Line - O que seria o ecofeminismo?

Ivone Gebara – O ecofeminismo é a junção da preocupação ecológica com a preocupação feminista. Ecofeminismo inclui também os homens, a natureza, a ecologia, e nós costumamos falar de ecojustiça. A nossa preocupação é com a salvaguarda da criação. A nossa preocupação em cuidar os ecossistemas, as redes de vida. Nós, mulheres, assumimos, uma busca não só de cidadania para as mulheres, mas também de afirmação de relações diferentes entre os homens, não é exclusão dos homens. É a construção conjunta de novas relações nas quais também se inclui a preocupação com a ecologia, a preocupação com a terra, com o universo. Basta ver a situação em que está a nossa terra, devastada, desapoiada, poluída. Não é só justiça social. É justiça social e ecológica. É uma preocupação de incluir o planeta Terra como sujeito de justiça também.

IHU On-Line - No livro *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista* traz diversas intuições que dão a impressão de que a senhora quer dar

continuidade a elas, refletir mais sobre elas. Dez anos depois de tê-lo escrito, o que poderia dizer sobre experiência trinitária?

Ivone Gebara – Esse livrinho foi uma conferência que eu dei para as irmãs paulinas, em que eu tentava responder a pergunta delas: “como nós podemos ser uma comunidade à imagem da Trindade?”. Eu achei essa pergunta desafiadora, porque colocava nós, seres humanos, tentando buscar a imitação de um modelo divino. Falar de imitação de Jesus é até mais possível. Tentei abrir esse conceito e tentei ver que significações filosóficas ele podia evocar. Foi por aí que falei da relação entre o uno e o múltiplo. Mostrei como, na realidade, nós somos uma pessoa, mas somos também múltiplas. A questão da busca do caminho da construção da comunidade é essa percepção da unidade, da multiplicidade, ao mesmo tempo que nós todos vivemos nesse universo, nessa terra, que é uma realidade maior do que cada indivíduo.

IHU On-Line - É possível, há experiências de um feminismo inter-religioso, quando há religiões como o Islamismo nas que ainda a mulher tem um papel de grande submissão?

Ivone Gebara – Sem a menor dúvida, o movimento feminista teológico é nitidamente ecumênico. No mundo cristão, o ecumenismo é a base do nosso trabalho. Nas reuniões que fazemos em âmbito latino-americano ou internacional, por exemplo, a Associação das Teólogas e Teólogos do Terceiro Mundo, tem promovido, a cada seis anos, uma reunião em que mulheres de diferentes igrejas cristãs trabalham, e ninguém pergunta qual é a Igreja de cada uma. Trabalha-se com questões, temas, desafios, e se tenta, a partir da inspiração da fé, perceber que respostas podem ser dadas. A preocupação é como podemos abordar as questões do presente, guardando a nossa pertença a comunidades diferentes como se nós pertencessemos a famílias distintas, mas sem acentuar demais a diversidade.

IHU On-Line – E há experiências também com religiões não cristãs?

Ivone Gebara – Já houve algumas reuniões internacionais para as quais mulheres muçulmanas foram convidadas. Nós não fazemos muita divulgação, mas existe um trabalho muito bonito de mulheres muçulmanas, como também um trabalho muito bonito de mulheres judias para rever os seus textos religiosos, as suas tradições, abrir um diálogo mais amplo e questionar certas idéias que nós, do Ocidente, temos das mulheres orientais. Às vezes, a gente se guia por coisas bastante superficiais, por exemplo, o véu. Isso já é opressão. E elas tentam dizer que há tantas mulheres que não usam véu, como nós, e são oprimidas. A fonte de opressão não é o véu. Esse movimento de emancipação das mulheres e de produção de pensamento de sua própria experiência, existe também no islamismo, no judaísmo, existe aqui no Brasil com muitas mães de santo que tentam abrir um diálogo maior entre elas. A Mãe Estela, em Salvador, que é uma figura extremamente carismática, que tem uma postura de diálogo muito grande na linha do diálogo inter-religioso, guardando a sua posição sincrética. Estamos num período em que essas coisas estão florescendo, mas são pequenos ensaios e com pouquíssima divulgação. O que é mais divulgado pela imprensa são as missas show, os programas de cura, essas coisas que têm mais audiência. Esses pequenos esforços de um cristianismo mais ético, ou busca de diálogo com outros credos religiosos, tentando tocar no essencial, isso não tem muita divulgação.

IHU On-Line – Olhando para o Brasil e a América Latina, como seriam novas relações de gênero libertadoras?

Ivone Gebara – Para isso é preciso ver os diferentes contextos. Se tomarmos o contexto da política atual, seria muito mais a formação de mulheres para que elas pudesssem atuar em igualdade nas decisões políticas do País. Basta olhar a cara do nosso Congresso e vemos que

é quase um Congresso eminentemente masculino. Novas relações seriam as que dessem espaço a vozes femininas também na construção da sociedade, na construção do bem comum. Isso acontece na política, na economia. Há muitas denúncias de que a cara da pobreza é feminina e é verdade. Se analisarmos quais são as forças sociais mais exploradas, a mão-de-obra mais explorada, entre mulheres e homens, é a feminina. Nas Igrejas nem se fala! Fala-se hoje da convocação de um concílio. Quem estará presente? Possivelmente nenhuma mulher, como "cardinala". Sem dúvida, haverá muitas mulheres na parte da secretaria, da telefonia, da limpeza, isso sim. Novamente se mantém essa espécie de divisão rígida entre o mundo doméstico e o mundo público. As mulheres são do mundo doméstico, do mundo particular, privado, que acaba sendo extremamente aprisionador. As novas relações não são mágicas. Mas devemos tender, por meio de processos educativos, a ter uma igualdade na decisão dos destinos humanos, na partilha de responsabilidades, na reflexão teológica. Temos muito caminho a ser percorrido para que haja mais justiça nas relações entre mulheres e homens nas empresas. Pessoalmente, já se conquistaram muitas coisas, mas, em relação a instituições, nossos avanços ainda deixam a desejar.

IHU On-Line – Tem havido mudanças significativas em relação à mulher no governo atual? A esquerda também é patriarcal?

Ivone Gebara – A esquerda é tão patriarcal quanto o centro e a direita. Também nem posso falar que o PT é de esquerda. Em todo o caso, dentro das diversas tendências do PT, está havendo alguns espaços maiores para a militância de mulheres, mas até lá ainda temos muito caminho a andar. A esquerda também é produto do mundo patriarcal, é uma tendência política e dentro dessa tendência que quer favorecer os mais excluídos, os mais pobres, tem um pouco mais de espaço, de lugar para as reivindicações das mulheres.

IHU On-Line – A senhora fez a sua tese de doutorado em Filosofia sobre Paul Ricoeur. Como o filósofo influenciou em seu pensamento?

Ivone Gebara – Eu fui aluna dele na Bélgica, na Universidade Católica de Louvain e fiquei absolutamente encantada com suas idéias. Como meu professor, ele foi uma pessoa maravilhosa, que me marcou muito. Ele tem aquele livro *A simbólica do mal e eu*. Desde jovem me preocupo com esse problema, então trabalhei a questão que ele focava no livro *Finitude e Culpabilidade*. No meu último livro, que saiu pela Vozes, que se chama *Rompendo o Silêncio*, eu tento analisar essa questão do mal, de uma forma um pouco clássica. Eu tento mostrar como a vida humana é uma mistura do bem e do mal. Neste momento, dizemos que algo é bom e esse bom, de repente, pode se perverter, essa é a dinâmica do bem e do mal, da perdição e da salvação, como inerentes ao próprio processo de vida humana.

IHU On-Line – Qual é a mensagem que poderia nos deixar por ocasião do Dia Internacional da Mulher?

Ivone Gebara – Eu gostaria que nós, mulheres, em qualquer coisa que fizéssemos, usássemos uma faculdade fundamental em todas as pessoas humanas, a faculdade de pensar, sermos capazes de pensar. A vida é pensar não só com a cabeça, mas com o corpo todo, deixar o corpo sentir a dor do outro, a alegria do outro, a destruição que existe no mundo. E deixar aparecer a responsabilidade que nós temos de construir relações mais justas entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres, no local de trabalho, na família, nas nossas comunidades. A minha mensagem é que sejamos capazes de sair de uma espécie de cansaço de pensar a vida, cansaço de querer entender melhor o que se passa no meio de nós, e que coloquemos para nós como meta a importância de conhecer o mundo para amá-lo melhor.

A POBREZA NA AMÉRICA TEM ROSTO FEMININO E NEGRO

Entrevista com Maricel Mena-López

Nascida em Cali, Colômbia, em 1967, Maricel Mena-López é teóloga católica, doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, na área de Bíblia, Antigo Testamento, onde também fez seu mestrado em Novo Testamento. Sua tese doutoral traz o título “Raízes afro-asiáticas nas origens do povo de Israel: uma proposta de reconstrução histórico-feminista”. Publicou artigos na área de teologia negra e feminista e prestou assessoria nesta área em vários países da América Latina. Trabalha com organizações negras e feministas. Atualmente é professora de Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. É também pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Rio Grande do Sul – FAPERGS.

IHU On-Line- Quais os principais desafios que se apresentam às mulheres negras na América Latina hoje?

Maricel Mena-López- Acho que a periódica e crescente reivindicação dos direitos das populações negras dos movimentos de consciência negra na América Latina e no Caribe tiveram um grande impacto. No Brasil, especialmente na última década. Estes movimentos, além de denunciarem qualquer tipo de discriminação e xenofobia cometida contra cidadãs e cidadãos negros, têm desmascarado todo um sistema de exclusão, marginalização e pobreza contra as comunidades de afro-descendentes. Nesse processo, as mulheres negras desvelaram todo um sistema macabro caracterizado por uma crescente “feminização da pobreza”. Elas descobriram que a pobreza na América Latina e no Caribe, além de ter rosto feminino, tem rosto negro, quer dizer, rosto de mulher pobre e negra. Essa constatação levou não somente ao fortalecimento de grupos de consciência negra e feminista, como também ao incremento deste debate nas academias e inclusive dentro da vida política. Neste panorama, acredito que entre os principais desafios propostos pelas mulheres está o “desencobrimento” de ideologias machistas e sexistas no interior da cultura, especialmente no interior daquelas de origem africana, pois, de fato, os movimentos de homens negros, ao longo do continente, não se perguntaram pela naturalização de assimetrias sociais impostas pela cultura com raízes na saudosa “África profunda”. Somente com a parceria e a consciência de nossos companheiros, o sonho por uma cidadania digna para as mulheres negras será possível.

Outros desafios que considero pertinentes são: reivindicar o direito a um salário digno, visto que, segundo dados do IBGE, ainda continuamos sendo as que menos ganhamos pela nossa mão-de-obra; analisar e discutir a nossa participação histórica nas lutas populares a fim de criar maior consciência política especialmente com as nossas jovens cidadãs; verificar e reivindicar o nosso direito às cotas estipuladas pelo governo federal; continuar fazendo história, já que a maioria das mulheres que estão ocupando postos e ganhando títulos nas faculdades são pioneiras, portanto, a nossa responsabilidade maior é continuar abrindo caminho para as nossas futuras descendências; promover encontros de reflexão valorizando o aporte das mulheres no âmbito popular como “acadêmico”. Ciente de que estes são somente alguns dos desafios, o nosso compromisso é continuar participando dos diversos processos organizativos em prol de uma vida justa para todas as mulheres. Queremos continuar trabalhando pela erradicação de qualquer forma de discriminação, inclusive exigindo as devidas reparações dos Estados, às quais temos direito como consequência da escravidão e suas seqüelas.

IHU On-Line- Como é pensada e recompreendida a divindade e a religiosidade da mulher negra?

Maricel Mena-López- A nossa experiência mística vai além daquela apresentada pela oficialidade, ela transcende os limites do estipulado pelas religiões oficiais. Buscamos, antes de tudo, um relacionamento com a divindade muito mais humano, quer dizer, além dos fundamentalismos de nossas tradições. Acreditamos no divino como fonte de vida e vontade. E, nesse processo, o nosso corpo se apresenta como espaço sagrado onde acontece a revelação do divino. Em contraposição a uma religião oficial e a uma sociedade que demarcou nosso corpo, vendo-o como “a cor do pecado” como ainda é chamado na telenovela da Globo, isto é, espaço da tentação e do pecado.

IHU On-Line- Quais seriam os elementos fundamentais para fazer uma Hermenêutica Negra Feminista de Libertação?

Maricel Mena-López- Considero que o primeiro elemento a ter em conta é a identificação e o reconhecimento da urgência de uma hermenêutica comprometida com a vida das mulheres negras. Reconhecer também que, no processo histórico de reivindicação da voz teológica das mulheres, as vozes das mulheres brancas não recolheram a polifonia de vozes e rostos indofro-americanos. Este certamente é um passo importante para um diálogo sadio com as demais teologias de libertação. Para uma hermenêutica negra feminista de libertação, é importante partir do lugar de dor de exclusão e marginalização das mulheres, mas também é importante a valoração de sua resistência e de seu aporte teológico da sua cotidianidade. Somente assim poderemos desmascarar os mecanismos sutis de marginalização implícitos na linguagem bíblico-teológica que promovem assimetrias sociais até os dias de hoje.

IHU On-Line- Como acontece na teoria e na prática o diálogo entre as religiões afros e as cristãs?

Maricel Mena-López- Na vida cotidiana das comunidades afro-brasileiras, não há uma preocupação com a questão do diálogo inter-religioso, pois mais do que diálogo ele se apresenta como uma comunhão irmãada. Na verdade, não temos problemas na aceitação de Jesus Cristo como salvador, assim como também podemos assumir Oxum como criador e a Maria ou Iemanjá também como salvadoras. É por isso que as comunidades negras estão desafiando hoje as práticas hegemônicas e centralizadoras das nossas igrejas e nos desafiam a um diálogo descentralizado nas comunidades eclesiás e a uma reflexão sobre o cristianismo que pregamos. A pluralidade cultural e religiosa traz problemas para a igreja, instituição que acredita que somente ela salva e vê as outras práticas religiosas não cristãs como demoníacas. Mas vale a pena apontar para os desafios, pois eles transcendem as barreiras hegemônicas da tradição bíblico-teológica e apontam para o fim dos preconceitos, racismos, sexismos e anti-semitismos que estão camuflados nas religiões oficiais. A teologia do pluralismo reconhece que vivemos em sociedades perpassadas por relações interculturais e que essa interculturalidade deve ser marcada por novas relações que respeitem o direito de ser e de sentir. Assim vemos que a teologia oficial é chamada a rever os seus conceitos e pressupostos. Creio que o desafio colocado pelas mulheres nas comunidades afro para o debate do diálogo inter-religioso está no fato de que, nessas comunidades, as mulheres são mediadoras do sagrado, isto é, têm poder, têm visibilidade. O corpo da mulher é sagrado, seus ciclos de fertilidade são sagrados. Creio que o desafio está na reivindicação de espaços sagrados para as mulheres. Nossa crítica principal ao cristianismo está relacionada à culpabilização das mulheres como tentadoras e fonte de pecado.

IHU On-Line- Quais as releituras bíblicas que mais destacaria na perspectiva do lugar da mulher negra na Bíblia?

Maricel Mena-López- Na verdade, são muitos textos que acompanham a nossa caminhada, mas por limitação, vou nomear somente alguns. A história da escrava egípcia Agar (Gn 16), de Séfora (Nm 12), a mulher de Moisés, a rainha de Sabá (1Rs 10) a rainha Candace (At 8), a Sulamita (Cânt 1), do Cântico dos Cânticos, são histórias importantes para nossa releitura, bem como textos nos quais os direitos das mulheres foram negados (Jz 19), ou textos onde experiências de sacerdócio, curas, milagres aparecem. Quer dizer a nossa releitura não se preocupa somente com a visibilidade de figuras femininas, mas com o estudo comparado de experiências, omissões e silêncios presentes nos textos bíblicos.

IHU On-Line- Uma mensagem pelo Dia Internacional da Mulher?

Maricel Mena-López- Quero reivindicar o princípio da vida em abundância para todas as mulheres. Ainda sonho com um mundo mais inclusivo, tolerante e descentralizado. Somente assim é possível a abertura e o diálogo igualitário entre semelhantes.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

O CREDO DA PAIXÃO DESCAFEINADA

Por Slavoj Zizek

Reproduzimos, a seguir, o artigo de Slavoj Zizek, publicado no jornal **II Manifesto**, no dia 28 de fevereiro de 2004. A tradução é da equipe do **IHU On-Line**.

Slavoj Zizek, filósofo esloveno, é professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Iugoslávia. Entre outros livros, é autor de **Eles Não Sabem O Que Fazem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; **O Mais Sublime dos Histéricos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. Seu último livro traduzido ao português é **Bem-Vindo ao Deserto do Real!**. São Paulo: Boitempo, 2003.

As credenciais daqueles que, antes mesmo do seu lançamento, criticam violentamente o novo filme de Mel Gibson sobre as últimas doze horas da vida de Cristo, são impecáveis: não se justifica, plenamente, a sua preocupação que o filme, realizado por um fanático tradicionalista católico, com ímpetos ocasionais de anti-semitismo, possa desencadear sentimentos anti-semitas? Mais ainda, **A Paixão de Cristo** não é uma espécie de manifesto dos nossos fundamentalistas e anti-secularistas (ocidentais, cristãos)? Rejetá-lo não é portanto dever de cada homem secularizado ocidental? Um ataque tão claramente privado de ambigüidade não é *sine qua non*, se queremos demonstrar que ele não se trata de racistas que, secretamente, atacam somente o fundamentalismo de outras culturas (islâmicas)? A reação do Papa ao filme é conhecida: profundamente comovido, murmurou: “É como aconteceu na realidade!”, mas esta afirmação foi logo retratada pelo porta-voz oficial do Vaticano. Assim, a sua reação espontânea foi rapidamente substituída pela posição neutra ‘oficial’, emendada de tal modo que não ferisse

ninguém. Este deslocamento é a melhor exemplificação do que não se aceita na tolerância liberal, com o seu medo politicamente correto que possa ser ferida a sensibilidade religiosa de quem quer que seja: ainda que na Bíblia se diz que uma multidão de judeus pediu a morte de Cristo, não se deveria representar diretamente esta cena, mas desdramatizá-la e contextualizá-la para esclarecer que os hebreus não podem ser tidos como responsáveis coletivamente pela crucifixão. De tal modo que a agressiva paixão religiosa é simplesmente reprimida: ela permanece ali, age subterraneamente e, não encontrando expressão, se torna mais forte.

É este o cenário de fundo que devemos ter presente quando analisamos o livro de **La rabbia e l'orgoglio** (A raiva e o orgulho) de Oriana Fallaci. Roma: Rizzoli, 2001, esta apaixonada defesa do Ocidente contra a ameaça muçulmana, esta aberta afirmação da superioridade do Ocidente, este descrédito do Islã, não como cultura diferente, mas como barbárie (assim que nem estariamos na presença de um choque entre civilizações, mas num choque entre a nossa civilização e a barbárie muçulmana). O livro é, neste sentido, o oposto da tolerância politicamente correta: a sua apaixonada vitalidade é a verdade da tolerância isenta do politicamente correto.

Dentro deste horizonte, a única resposta apaixonada à paixão fundamentalista é um secularismo agressivo do tipo exibido recentemente pelo governo francês, que proibiu o uso de símbolos e vestidos religiosos em todas as escolas (não somente o véu para as muçulmanas, mas também os solidéus ou quipás judeus e as cruzes cristãs muito vistosas). Não é difícil prever o efeito final desta disposição: excluídos do espaço público, os muçulmanos serão impelidos diretamente a se constituírem em comunidades fundamentalistas não integradas... Lacan tinha razão quando sublinhava a ligação que há entre a regra da *fraternité* pós-revolucionária e a lógica da segregação.

Talvez a proibição de abraçar o credo com total paixão explica por que, hoje, a cultura esteja emergindo como a categoria central da vida e do mundo.

A religião é permitida não como um modo de viver substancial, mas como uma ‘cultura’ particular ou, talvez, como um fenômeno que diz respeito aos estilos de vida: o que a legitima não é a sua pretensão de verdade imanente, mas o modo no qual ela permite que exprimamos os nossos sentimentos e atitudes mais profundos. Nós não acreditamos mais verdadeiramente; simplesmente, seguimos (alguns) rituais e usos religiosos por respeito ao “estilo de vida” da comunidade a qual pertencemos (pensemos no proverbial judeu não crente que segue as regras kosher “por respeito da tradição”). O que é um *estilo de vida cultural* senão o fato de que, embora não creiamos em Papai Noel, no mês de dezembro, fazemos uma árvore de Natal nas nossas casas e também nos lugares públicos? Talvez, então, “cultura” é o nome que damos a todas aquelas coisas que praticamos sem crer verdadeiramente nelas, sem “tomá-las a sério”. Não é este também o motivo pelo qual a ciência – sempre muito real – não entra nesta noção de cultura? E não é também este o motivo pelo qual liquidamos os crentes fundamentalistas – que ousam *tomar a sério* o seu credo – como ‘bárbaros’, como anticulturais, como uma ameaça à cultura? Hoje, em última análise, percebemos como uma ameaça à cultura todos aqueles que vivem a sua cultura imediatamente, que não se distanciam dela. Recordemos a indignação quando, há três anos, as forças talebãs no Afeganistão explodiram as antigas estátuas dos Budhas em Bamiyan? Ainda que ninguém de nós, ocidentais iluminados, creia na divindade do Budha, nos indignou que os muçulmanos talebães não demonstrassem o devido respeito à “herança cultural” do seu país e da humanidade inteira. Ao invés de acreditar por intermédio do outro como todas as pessoas de cultura, eles acreditavam verdadeiramente na sua religião e, portanto, não eram muito sensíveis ao valor cultural dos monumentos de outras religiões. Para eles, as estátuas do Budha eram somente falsos ídolos, não “tesouros da cultura”. (E,

incidentalmente, esta indignação não é a mesma do anti-semita iluminado de hoje que, embora não creia na divindade de Cristo, reprova os judeus por terem matado nosso Senhor Jesus? Ou a mesma do típico judeu secularizado que, mesmo não credo em Jeová ou Moisés como seu profeta, contudo pensa que os judeus têm um direito divino sobre a terra de Israel?)

Este é o motivo pelo qual, hoje, uma semelhante paixão é *politicamente incorreta*: tudo parece ser permitido, mas na realidade as proibições são meramente deslocadas. Pensem no impasse hodierno sobre a sexualidade ou sobre a arte: existe algo mais nojento, oportunista e estéril do que sucumbir às injunções do super-eu de inventar incessantemente novas transgressões e provocações artísticas (o ator que se masturba sobre o palco ou se fere de maneira masoquista, o escultor que expõe cadáveres de animais em putrefação ou excrementos humanos), ou a injunção análoga de medir em formas de sexualidade sempre mais “audazes”? Em alguns círculos “radicais” nos EUA, recentemente, foi proposto de “repensar” os direitos dos necrófilos (aqueles que desejam ter relações sexuais com os corpos mortos). Por que eles devem ser privados disso? Assim foi formulada esta idéia: do mesmo como se autoriza o transplante de órgãos com finalidades médicas, em caso de morte imprevista, também se pudesse autorizar o consentimento para que o próprio corpo seja colocado à disposição dos necrófilos. Tal posição realiza a velha intuição de Kirkegaard sobre como o único vizinho bom é o vizinho morto: um vizinho morto – um cadáver – é o *partner* sexual ideal de um sujeito ‘tolerante’ que busca evitar qualquer problema. Por definição, um cadáver não pode ser molestado.

Hoje, no mercado encontramos toda uma série de produtos que foram privados das suas propriedades danosas: café sem cafeína, nata sem graxa, cerveja sem álcool... E o elenco continua. Que dizer do sexo virtual como sexo sem sexo, da doutrina Colin Powell da guerra sem vítimas (da nossa parte, naturalmente) como guerra sem guerra, da redefinição contemporânea da política enquanto arte do governo técnico, como política sem política, até chegarmos ao credo descafeinado – um credo que não fere ninguém e não compromete plenamente nem a nós mesmos?

Eis dois temas que determinam o compromisso tolerante e liberal de hoje no confronto com os Outros: o respeito da alteridade, a abertura para ela e o medo obsessivo da moléstia. Brevemente, o Outro vai bem na medida em que a sua presença não é intrusiva, na medida em que o Outro não seja verdadeiramente o Outro. O que está emergindo sempre mais como o direito humano fundamental na sociedade tardo-capitalista é o *direito de não ser molestado*, isto é, de poder ficar à distância segura dos outros. Uma estrutura semelhante é claramente presente no mundo no qual nos relacionamos com o enriquecimento capitalista: ele vai bem se for contrabalançado por atividades assistenciais. Primeiro se acumulam bilhões, depois se restitui (parcialmente) aos necessitados. E o mesmo se dá no que diz respeito à guerra, pela lógica emergente do militarismo humanitário ou pacifista: a guerra vai bem enquanto serve verdadeiramente para levar a paz, a democracia, ou cria as condições para distribuir as ajudas militares.

Isso significa que, conta a falsa tolerância do multiculturalismo liberal, devemos retornar ao fundamentalismo religioso? A mesma crítica ao filme de Gibson torna evidente a impossibilidade de tal solução. Inicialmente, Gibson queria rodar o filme em latim e aramaico e projetá-lo sem legendas; sob a pressão dos distribuidores, decidiu aceitar as legendas em inglês (ou em outras línguas). Este compromisso dele não é, no entanto, uma simples concessão às pressões comerciais; respeitar o programa original teria evidenciado a natureza de auto-rejeição do projeto de Gibson. Ou seja, imaginemos o filme sem legendas projetado no grande centro comercial de um subúrbio americano: a querida fidelidade ao original seria transformada no seu oposto, num espetáculo exótico e incompreensível.

Mas há uma terceira posição, além do fundamentalismo religioso e a tolerância liberal. Voltemos à distinção “politicamente correta” entre fundamentalismo islâmico e o Islã: Bush e Blair (e também Sharon) não esquecem nunca de elogiar o Islã como uma grande religião de amor e tolerância que nada tem a ver com os horríveis atentados terroristas. Assim, como esta distinção entre o Islã *bom* e o terrorismo islâmico *ruim* é falsa, seria necessário problematizar também a típica distinção *radical-liberal* entre judeus e o estado de Israel ou sionismo, isto é, a tentativa de alargar o espaço no qual os judeus e os cidadãos judeus de Israel possam criticar a política do estado de Israel e a ideologia sionista não somente sem serem acusados de anti-semitismo, mas baseando a sua crítica sobre a sua apaixonada relação com o judaísmo, sobre aquilo que eles têm como algo que precisa ser salvo da herança judaica.

Mas isso é suficiente? Marx disse a propósito do *petit-bourgeois* (pequeno burguês) que ele vê em cada objeto dois aspectos, o bom e o ruim, e busca reter o bom e combater o mau. Seria preciso evitar o mesmo erro ao tratar do judaísmo: o “bom” judaísmo levinasiano [Refere-se ao filósofo E. Lévinas] da justiça, do respeito e da responsabilidade no confronto com o outro etc, contra a ‘má’ tradição de Jeová, os seus acessos vindicativos e a violência genocida contra o povo vizinho. Precisaria ter a coragem de transferir o dilema, a tensão, no coração mesmo do judaísmo: não se trata mais de defender a pureza da tradição judaica da justiça e do amor pelo vizinho contra a asserção agressiva sionista do estado-nação. Do mesmo modo, ao invés de celebrar a grandeza do verdadeiro Islã contra o seu uso errado por parte dos terroristas fundamentalistas ou deplorar o fato de que, de todas as grandes religiões, o Islã é a que mais resiste à modernização, seria necessário ver esta resistência como uma chance: ela não leva necessariamente ao *fascismo islâmico*, mas pode se articular com um projeto socialista. Precisamente porque hospeda as piores potencialidades de uma resposta fascista à nossa situação presente, o Islã pode também revelar-se como o lugar das potencialidades melhores. Ao invés de procurar redimir o núcleo puramente ético de uma religião contra as suas instrumentalizações políticas, seria necessário criticar implacavelmente o próprio núcleo – em todas as religiões. Hoje, quando as próprias religiões (da espiritualidade New Age ao fácil hedonismo espiritualista do Dalai Lama) estão mais do que prontas a servir a busca pós-moderna do prazer, paradoxalmente, somente um materialismo coerente é capaz de sustentar uma posição ética militante verdadeiramente ascética.

Análise de Conjuntura

ORGANIZAR O CONTRAPoder POPULAR Por Fábio Konder Comparato

Reproduzimos o artigo de Fábio Konder Comparato, publicado no jornal Folha de S. Paulo do dia 22/2/2004. Fábio Konder Comparato é jurista, doutor pela Universidade de Paris, professor titular da Faculdade de Direito da USP e doutor honoris causa da Universidade de Coimbra. De Fábio Konder Comparato, os leitores e leitoras podem conferir um artigo no IHU On-Line número 68, de 28 de julho de 2003, uma entrevista na 71ª edição, de 18 de agosto de 2003 e um artigo na 87ª edição de 9 de dezembro de 2003.

A ruína moral que se abateu sobre o governo Lula e o Partido dos Trabalhadores, abalando sobretudo o coração da juventude, não nos deve conduzir ao abismo da indiferença e do ceticismo. O que está em jogo é o bem comum de todos nós, e não apenas a reputação dos

governantes e dos partidos. Importa, pois, antes de tudo, tirar do episódio a lição necessária, e saber introduzir, na prática e nas instituições políticas, as mudanças indispensáveis que o bom senso aconselha.

"É uma experiência eterna", advertiu Montesquieu em conhecida passagem do "Espírito das Leis", "que todo homem que detém o poder é levado a dele abusar; ele vai até onde encontra limites". "Quem diria! Até a virtude tem necessidade de limites." Dura verdade, que os atuais Estados fundamentalistas têm sobejamente demonstrado. Com efeito, dificilmente resistimos às seduções do poder, às suas pompas e às suas glórias. "Não há coisa que mais mude os homens", observou saborosamente o padre Vieira, "do que o descer e o subir; e o subir muito mais do que o descer". Daí porque Montesquieu só encontrava remédio para a tendência universal ao abuso de poder político na montagem institucional de um mecanismo de poderes e contra-poderes. "É preciso que, pela própria disposição das coisas, o poder freie o poder." Já não se trata, portanto, de confiar cegamente nos homens, mas de saber que qualquer um de nós, quando no poder, é facilmente levado ao desatino, se não for convenientemente enquadrado pelas instituições políticas.

Acontece que o sábio francês raciocinava no quadro da ação política exercida por meio de representantes dos governados. Isso era, sem dúvida, um progresso em relação às práticas absolutistas do passado, mas revela-se hoje, em tempos de democracia participativa, algo de muito insuficiente. Sabemos todos que o "Estado democrático de Direito", mencionado na Constituição, não passa, em nossa triste realidade, de uma peça de ficção política. A democracia pressupõe a atribuição efetiva (e não apenas simbólica) da soberania ao povo, devendo os órgãos estatais atuarem como meros executores da vontade popular. Entre nós, esse esquema funciona em sentido inverso. A soberania pertence de fato aos governantes, que vivem numa espécie de estratosfera ou círculo celeste, onde são admitidos, tão-só, os que detêm algum poder econômico ou alguma influência junto ao eleitorado ou à opinião pública. Todos os demais cidadãos são confinados cá embaixo, como simples espectadores, pois os governantes de há muito lograram transformar a representação política em representação teatral: eles encenam, perante o povo, a farsa do rigoroso cumprimento da vontade eleitoral. Em suma, temos todo um sistema de poder estatal, mas nenhuma forma organizada de contra-poder popular diante dele.

Ora, numa democracia autêntica, a ação política não se desenvolve apenas no nível do poder estatal, com o objetivo de conquistá-lo ou mantê-lo. Ela deve também exercer-se diretamente pelo próprio povo, perante todos os órgãos do Estado, não só para fiscalizá-los, denunciar os crimes, desvios, imoralidades e omissões, mas também para que o povo tome por si, e não por meio de representantes, as grandes decisões políticas, aquelas que empenham o futuro da coletividade em todos os níveis: local, regional e nacional.

Na esfera do Estado, são incontestavelmente os partidos políticos os grandes instrumentos de representação popular. Mas ainda não conseguimos criar um sistema organizado de agentes políticos que atuem, com o povo, como instrumentos de contra-poder perante os órgãos do Estado. Vai, pois, aqui a idéia de criar um consórcio das organizações não-governamentais dedicadas, exclusivamente, à tarefa de atuar como agentes desse contra-poder popular. O povo soberano teria assim, a seu serviço, um instrumento político capaz de promover protestos e campanhas de opinião pública, bem como de utilizar, da melhor maneira, os escassos mecanismos de denúncia e responsabilização dos agentes públicos existentes em nosso sistema jurídico: ações populares, ações civis públicas, representação ao Ministério Pùblico por improbidade administrativa ou práticas criminosas em geral, denúncias de crimes de responsabilidade visando ao impeachment. O consórcio poderia também incumbir-se de promover iniciativas populares legislativas e de apresentar, para os órgãos competentes,

propostas de mudança constitucional ou de realização de plebiscitos e referendos. A sua atividade completar-se-ia com a realização anual de um Fórum Nacional da Cidadania, em que seriam discutidas propostas concretas de atuação política. O que importa, antes de tudo, é que saibamos lutar contra a nossa velha doença - a falta de civismo -, que o nosso primeiro historiador, frei Vicente do Salvador, já denunciava na primeira metade do século 17: "Nem um homem nessa terra é republicano, nem zela ou trata do bem comum, senão cada um do bem particular".

ELIO GASPARI ENTREVISTA FÁBIO COMPARATO

*Complementando o artigo acima, reproduzimos do jornal **Folha de S. Paulo**, de 29 de fevereiro de 2004 uma entrevista realizada por Elio Gaspari a Fábio Konder Comparato, professor de Filosofia do Direito da Universidade de São Paulo.*

O senhor publicou um artigo na Folha de S. Paulo onde diz que, diante da "ruína moral" da administração federal petista, é necessária a criação de um "contrapoder popular" para aperfeiçoar a organização política do Brasil. O que seria isso?

Nós temos excelentes exemplos de organização da sociedade. No campo dos direitos do consumidor, com o IDEC. Na defesa e na vigilância da moralidade pública, com o Transparência Brasil. Acima de todos, pela amplitude, o Movimento dos Sem-Terra. Temos ainda magníficos exemplos de organização de comunidades. Proponho que essas entidades se agrupem numa federação, unidas em torno de princípios básicos, com lideranças afastadas da competição eleitoral. Para funcionar, precisa ser simples, leve. Trata-se de organizar um contrapoder popular sem semelhanças com os partidos políticos. É preciso aproximar as pessoas em torno de propostas, sem projeto de exercício do poder formal. A federação de ONGs seria um instrumento de controle democrático do poder. Minha experiência nas dez Escolas de Governo que funcionam no país ensinou-me que há milhares de jovens desencantados com os partidos, querendo fazer alguma coisa pelo país. Somos uma nação fundada pelo Estado. Quando Tomé de Souza desceu em Salvador, em 1549, ele trazia um regimento geral de governo onde previa-se tudo. Tinha consigo um ouvidor-geral, um provedor-geral. Tinha tudo, menos o povo, fisicamente ausente, porque os índios não eram vistos como gente e os brancos mal tinham chegado. O que falta para a política brasileira funcionar normalmente é a organização do povo.

Ao falar em "ruína moral" o senhor não pegou pesado?

Hesitei muito para usar essa expressão, sobretudo a palavra ruína. Pensei que pudesse dizer "abalo moral", mas me convenci de que não podia fazê-lo. Não podia porque um abalo moral é algo remediável e, infelizmente, estou convencido de que houve uma quebra definitiva da confiança dos militantes em relação ao governo. Esse é um elemento irremediável. Há o argumento de que nada se fez que os outros já não tivessem feito. Ele agrava a questão, pois se confiava num governo exatamente porque não se confiara nos outros. Confúcio ensinou que o governante precisa dar três coisas aos súditos: comida, segurança e confiança. Uma só coisa ele não podia retirar: a confiança. Quando usei a expressão "ruína", senti muita dor. Eu mantinha a esperança, mas ela se acabou.

O que vem a ser esse "contrapoder popular"?

O contrapoder popular é a ação para conter o poder formal. Não de combatê-lo com o objetivo de eliminá-lo, mas de tentar torná-lo mais eficaz. Para os gregos, quando os deuses queriam enlouquecer alguém, davam-lhe orgulho e insolência. Sem controles, os poderosos perdem a medida de suas limitações e a percepção das opiniões alheias. Eu acredito que há no Brasil uma teia de organizações de defesa dos direitos das pessoas e da boa prática administrativa. Elas podem se juntar, formar uma coisa nova em relação ao velho esquema da separação de poderes. A novidade está no fato de que o controle é exercido verticalmente, do povo em relação aos governantes. Na formula tradicional são os órgãos do Estado que se controlam mutuamente.

Filme da Semana

Lembramos que todos os filmes aqui apresentados foram vistos e analisados por colegas do IHU.

Ficha Técnica

Nome original: 21 Gramas

Origem: EUA

Realização: 2003

Gênero: Drama

Duração: 125 min.

Classificação: 16 anos

Direção: Alejandro González Iñárritu

Elenco: Sean Penn, Benicio del Toro (Jack), Naomi Watts (Christina), Charlotte Gainsbourg (Mary), Danny Huston (Michael)

O filme que destacamos nesta edição, **21 Gramas**, é comentado em dois artigos que seguem. O primeiro é do padre jesuíta mexicano, Luis García Orso. Ele foi nos cedido diretamente pelo autor, no original em espanhol que traduzimos. Luis García Orso é presidente da Organização Católica Internacional de Cinema (OCIC) no México, que premia os valores humanos em festivais cinematográficos. O segundo foi enviado pela profa. Dra. Stela Meneghel, professora de Ciências da Saúde, na Unisinos, mestre e doutora em medicina pela UFRGS. Aos dois colegas agradecemos a contribuição.

21 GRAMAS

Por Luis García Orso Antes que uma caminhonete atropelte um pai e suas duas pequenas filhas, um jovem jardineiro limpa as folhas secas de um jardim, em uma tarde cinza de outubro. A câmera não focará a cena do acidente, mas somente as folhas secas e o ruído do aspirador. Este acidente em um cruzamento de pedestres será a encruzilhada de três vidas que se unirão, de modo semelhante como foi em *Amores Brutos*, o primeiro e anterior filme dos mesmos realizadores mexicanos, agora em uma produção dos Estados Unidos, localizada em Memphis, com técnicos mexicanos, um elenco internacional, três protagonistas cujas atuações pesam mais que um Oscar, e com uma história tão universal como a única e idêntica condição humana.

Em outro momento de **21 gramas**, alguém trata de tirar uma peça de uma torre construída com fichas, mas a construção desmorona. Depois, a tela se enche por um instante de um bando de pássaros que levantam vôo em um amanhecer. Com uma narração sempre em fragmentos que saltam para trás, à frente, na metade e a todos os tempos, o último filme de Alejandro González Iñárritu pede a total dedicação do espectador para uma história que sempre, como a vida, está nos desafiando: recolher folhas secas, armar uma torre de fichas sem que caiam, ou acreditar que uns seres humanos ainda podem empreender vôo e serem livres.

Paul (Sean Penn) é um professor de matemática que está doente do coração e que espera um transplante, sabendo que há escassas possibilidades de sobreviver.

Jack (Benicio del Toro) é um homem violento, ex-delinqüente e ex-presidiário, agora regenerado e convertido ao cristianismo de forma devotamente também violenta. Christina (Naomi Watts) é a jovem esposa de um arquiteto, com duas filhas, que abandonou sua vida anterior de dependente de drogas e a trocou por uma família feliz.

Em uma esquina, estas três vidas tomarão caminhos muito mais cheios de terra e pó e terão que encontrar-se frente a frente, por bem ou por mal. Paul vai querer conhecer o doador do coração para seu transplante e aprender a amar de outra maneira, com um coração estranho sem saber o quanto ainda lhe resta de vida. Jack carregará uma culpa que não o pode deixar em paz e da qual não espera encontrar perdão, quando, segundo ele acredita, o mesmo Jesus Cristo a quem se entregou religiosamente, o traiu. Christina perderá tudo que ganhou em sua nova vida, e em suas entranhas de mulher se revolverão a dor, a raiva, o desejo de vingança, o abatimento. Como podem estas três almas encontrar-se?

A gente pode acreditar que a vida segue sempre a mesma direção ou que basta empenhar-se com vontade para mudar é o suficiente. E nos esquecemos de que há coisas que a gente sozinho não pode, só se nos dão de presente ou chegam gratuitamente: a fé, o amor, a confiança, ser perdoado, nascer e ver a luz... Mas também chegam assim, misteriosamente, a dor, a enfermidade, a solidão, a morte, a perda de um ente querido... Um acidente na esquina pode, em segundos, transformar nossas melhores intenções e nos derrubar, nos fazer voltar para levantar e nos pôr em outra direção. De quanta dor e raiva, amor e decepção, culpa e perdão, ilusões e fracassos, é feita nossa existência? Quanto nos pesa a dor? E quanto a condição humana? Quanto peso nos tira experimentar a redenção? De que é feito o último fôlego de nossa existência terrena e do que é feita a esperança?

No início do filme (ou ao final), Paul está em uma cama de hospital, cheio de tubos e em condições severamente críticas e mortais, e se pergunta: "Isto é a sala de espera do Céu?"... A resposta não está escrita no roteiro de Alejandro González Iñárritu e Guillermo Arriaga, mas talvez confessada intimamente por eles ao unir todas as imagens da história; a resposta fica em cada espectador. Parafraseando São Paulo (cf. Carta de Paulo aos Romanos, 8, 18-25), talvez possamos afirmar que o peso dos sofrimentos não é comparável ao peso da vida e da liberdade que nos são dadas de presente.

21 Gramas se atreve a dar a esta confissão esperançada todas as entranhas e a força, o coração e as emoções, o medo e o valor, de uma história que é tão nossa que nos golpeia. **21 Gramas**: o peso da vida, a morte, o sofrimento, a perda, a esperança, a liberdade. Sim, depois de tudo, levando tudo isso em conta, esta é a sala de espera da Vida.

SOBRE 21 GRAMAS E A ALMA

Por Stela Meneghel

Inárritu. Será indígena este sobrenome, ou espanhol?

Primeiro ele fez *Amores Brutos*. Um filme trinário – três estórias que se cruzam no acidente de carro. A denúncia das podridões de uma megalópole de terceiro mundo. O filme rodado na cidade do México, que não é reconhecida em nenhum momento, escapando de qualquer clichê, de qualquer apelo, de qualquer cena de turismo de quinta. Poderia ser qualquer bairro de periferia de uma cidade de grande porte: borracharias, casas populares em conjuntos feiosos, desarmônicos, construídos aos pedaços, sucatas e telhas de zinco, asfalto e *out-doors*, propaganda de motel, *macdonalds* e néon. Adolescentes subdesenvolvidos – elas, de saco cheio, cuidando de bebês recém-paridos, morando com os pais e ainda freqüentando a escola; eles, também de saco cheio, pouca grana, tatuados, oxigenados, subempregados, dando pau para ajudar a sustentar os bebês. Adolescentes que sobrevivem adestrando cães para lutar em rinhas. Uma coisa nauseante, pior até que briga de galos, cachorros se devorando pros donos ganharem uns pila em porões clandestinos. Somos todos perros.

Agora, o segundo (?) longa deste mexicano que estrilou (com toda a razão) ao ser comparado com Tarantino. 21 gramas – o peso da alma.

Uma das coisas boas de filme é ficar com ele na cabeça. Repassando as cenas, repartindo os créditos, refazendo os nexos, recontando o roteiro, revivendo o/a personagem, repetindo as falas, recitando a poesia.

Outra vez o delineamento tríplice: outra vez três estórias que se mesclam a partir de um acidente de carro. O tema é o mesmo, um pai e duas filhas esmagados por uma camioneta. Há uma cena em que a mulher lava o sangue que ficou aderido no carro, como se a máquina fosse uma pessoa. Um pouco Crash – aquele *cult* ensandecido em que as pessoas simulavam acidentes famosos, em que pedaços de homens, pedaços de próteses claudicavam pelas superestradas e pelas emergências de pronto-socorros mascarando a emoção *espetaculosa* da tragédia.

O contraponto dos dois personagens centrais. Benício Del Toro, delinquente, inúmeras passagens pelo presídio (os EUA possuem uma das maiores populações carcerárias do mundo), alcoolista e drogado. Convertido recentemente, ele faz o tipo: “Sou de Jesus”, corpo tatuado com cruzes e sagrados corações, citações bíblicas – nada é por acaso: Deus vê até um fio de cabelo teu se mexendo.

Sean Penn, professor de matemática, cardiopata terminal, aguardando um órgão. Recebe o coração do homem atropelado (não é o figado, nem o rim, é precisamente o coração). Ele invoca a matemática e a poesia para dar conta das mesmas questões existenciais de Benício: a vida e a morte, o deus e o diabo, o destino e o acaso: nada é à toa – Deus saca até um fio de cabelo teu se mexendo.

Inárritu garimpa um poeta venezuelano (que coisa inusitada alguém citar um poeta venezuelano!) que diz mais ou menos assim: “o mundo girou em torno de seu eixo, o mundo girou em torno de nós para que pudéssemos nos encontrar”. Estrelas em cima, estrelas embaixo. “Colhe uma rosa e moverás uma estrela”. O mundo sincrônico e matemático, no compasso complexo do coração. Deus é matemática, ele poderia ter dito, ou Deus é música, que, em última análise, é matemática, como no doutor Fausto de Thomas Mann.

Portanto, as reflexões das personagens principais são as duas faces de uma mesma moeda. A religiosidade brega, rígida, apocalíptica, pentecostal do apenado e, por outro lado, as reflexões

numerológicas do professor transplantado na busca do sentido. Complementares, a verdade de um é a verdade do outro, colocada em outras palavras, em outras metáforas, em outras imagens. Assim, escapa-se ao dualismo do bem e do mal, presente na maioria dos filmes que somos obrigados a engolir, onde o “mal” é projetado no outro – o negro, o chicano, o adolescente, o drogado, o tatuado, o presidiário. O demônio fora.

A questão do corpo – a mesma questão para os dois homens: o primeiro marcado pelas tatuagens (escondidas para os burgueses jogadores de golfe não vomitarem; menos a do pescoço que a roupa não cobre) A do pescoço - um arquetípico coração negro em chamas cravejado de espinhos)

O segundo, tatuado pela cirurgia, cindido em dois pedaços (o de cima e o de baixo, o superior e o inferior, a carne e o espírito, o corpo e a alma).

Rituais de limpeza (tricotomia) e esterilização, que precedem a entrega do coração novo. Tubos, cânulas, seringas, aparelhos, medidores, a antecâmara da morte. O fascínio repugnado do índio Inárratu pelo admirável mundo tecnológico que inventamos para nos tornar, outra vez, escravos. “Podemos dizer do homem do século XX – ele forniciou e leu o jornal”. O jornal e os quinhentos canais do telejornal a cabo... Saramago, questiona em *Luz da Alma*: “quem lê a mesma notícia dezenas/centenas de vezes?” O manicômio do telejornal, diariamente a mesma notícia, em closes, em zooms, em ritornelos, em câmara lenta, em câmara rápida, em fragmentos e em sangue - a mesma notícia.

Sem pieguice, ao contrário - emaranhadas e perigosas - as perguntas da vida entram em cena, balizadas por um homem de abaixo do Rio Grande, que dedica o filme amorosamente a Maria Eulália, acenando que depois de seco, brota outra vez o milharal (el maizal). Um filme em que tudo é aproveitado, nada se despreza, nada vai para o lixo: o brega, o *kitch*, o suburbano, a droga, o cárcere, a morte, o inconsciente.

Esperamos que Inárritu não se deixe devorar pelas sereias hollywoodianas.

Congratulaciones, compañero!

Deu nos Jornais

Eleitor quer afastar Zé Dirceu e defende a CPI, diz DataFolha

Pesquisa realizada dia 1º de março pelo Instituto DataFolha com 2.306 eleitores em 132 cidades mostrou que 81% dos entrevistados defendem CPI para o caso Waldomiro e 67% acham que José Dirceu deve ser afastado da Casa Civil. A margem de erro do levantamento, que abrangeu todas as unidades da Federação, é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. Dirceu foi o superior imediato de Waldomiro, que ocupou o cargo de subchefe de Assuntos Parlamentares da Presidência. Foi exonerado, a pedido, no dia 13 do mês passado, quando se tornou pública uma fita de vídeo na qual pedia propina para si próprio e doações para campanhas. Os 67% que sugerem o afastamento do ministro da Casa Civil são divididos em duas categorias: 43% sugerem que José Dirceu se afaste enquanto investigações são realizadas e 24% querem que ele renuncie em definitivo. Só 18% dos entrevistados defendem a permanência do ministro no cargo e 15% não sabem responder. A notícia foi publicada dia 2 de março pela *Folha de S. Paulo*.

Lula mantém imagem favorável

Questionados “se o presidente esteve diretamente envolvido nas irregularidades, 70% dos entrevistados disseram não acreditar nessa hipótese. Apenas 16% dos eleitores acham que o presidente da República tinha conhecimento das atividades de Waldomiro. Para 60%, ele não sabia o que se passava”. Conforme o diretor-geral do DataFolha, Mauro Paulino, “a população personificou em José Dirceu o escândalo e a avaliação negativa do episódio”. A pesquisa também mostrou que a queda de popularidade do governo, personificado em Lula, foi de 42% para 38%. Dentro da margem de erro, o presidente ficou com aprovação pessoal inalterada.

Aristide diz que foi deposto pelos EUA. Nova intervenção do “império”?

O ex-presidente do Haiti Jean-Bertrand Aristide, que renunciou ao cargo dia 29 de fevereiro, pressionado por uma convulsão social, declarou que foi forçado a se retirar do Haiti em um ‘golpe de Estado’ comandado pelos Estados Unidos, que o teriam ‘seqüestrado’. Suas declarações, divulgadas pelas agências de notícias, foram registradas pelos jornais brasileiros. Conforme *O Globo*, Aristide a classificou a atitude norte-americana de “golpe de Estado de um jeito moderno”. O governo dos EUA negou veementemente que Aristide tenha sido seqüestrado por soldados americanos e levado para fora do país caribenho, admitindo apenas que as tropas tomaram “medidas para proteger Aristide e sua família quando estes decidiram abandonar o Haiti”, como publicou o *Jornal do Brasil*. Aristide está em Bangui, capital da República Centro-Africana.

Intervenção semelhante ocorreu no Panamá

“O argumento apresentado na tarde do ontem pelo governo dos EUA para justificar suas fortes pressões para a queda de Jean-Bertrand Aristide foi idêntico ao utilizado em dezembro de 1989 para a derrubada do general Manuel Antonio Noriega, no Panamá: o fato de seu governo ter fechado os olhos ao tráfico de drogas e, em algumas oportunidades, ter participado dessa atividade ilícita”, escreveu o correspondente internacional José Meirelles dos Passos. “Noriega e Aristide gozaram da proteção americana por algum tempo. Outro fato em comum por trás desses gestos é uma coincidência familiar: Noriega foi destituído por pressões e posterior invasão militar comandadas pelo presidente George H. Bush. Aristide saiu por pressão do segundo Bush na Presidência dos EUA”.

0,03 dos brasileiros são ricos

Apenas 0,03% da população brasileira habita o topo da pirâmide da distribuição de renda do país, constata o sociólogo Marcelo Medeiros, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Medeiros calcula que os mais ricos somam poucos milhares – algo como 10 mil – “pouco mais do que cabem nas cadeiras especiais e camarotes do Estádio do Maracanã”. A notícia foi publicada no jornal *Valor Econômico*, 27-2-04. Medeiros também mostra na pesquisa que, no Brasil, a desigualdade não só é elevada, mas, ao mesmo tempo, extremamente estável.

A economia brasileira

“Números fornecidos pelo governo no final de janeiro mostram que União, Estados, municípios e estatais desembolsaram no ano passado R\$ 145,2 bilhões para quitar compromissos da dívida pública. Isso equivale a 9,5% do PIB. O valor é o mais alto registrado desde 1991. É igualmente elevado quando comparado ao que é gasto por outros países emergentes, como o México, por exemplo, cujas despesas com juros representam 3% do PIB. Os governos de China

e Cingapura despendem, cada um, o equivalente a 1%.” – ‘Conversa com o FMI’, editorial da *Folha de S. Paulo*, 2-3-04.

Tribunal Internacional Popular Sobre Transgênicos

Garantir a participação ativa da sociedade no debate sobre os alimentos geneticamente modificados e denunciar todos os responsáveis pela introdução e disseminação ilegal das plantas geneticamente modificadas no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, é o objetivo do Tribunal Internacional Popular sobre os Transgênicos, confirmado para o dia 11 de março, no auditório Araújo Viana, em Porto Alegre. O tribunal será presidido pelo juiz José Felipe Ledur, do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região.

Iniciativa tem respaldo constitucional

Para Ledur, “o Tribunal Internacional Popular sobre os Transgênicos é uma iniciativa cidadã que tem respaldo nas constituições do Brasil e do Rio Grande do Sul, pois ambas garantem o princípio da democracia participativa.” Aurélio Virgílio Veiga Rios, bacharel em Direito pela Universidade Federal de Brasília e ex-assessor especial do Procurador Geral da República, José Paulo Sepúlveda Pertence, será o responsável pela acusação. Veiga Rios é subprocurador-geral da República.

Especialistas atuarão como jurados e peritos

Conforme a Agência de Notícias *Adital*, atuarão como peritos o economista e consultor da Assessoria em Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), David Hathaway, o pesquisador titular e coordenador do curso de Biossegurança da Fundação Oswaldo Cruz, Sílvio Valle, e o engenheiro agrônomo e florestal e consultor da entidade Paz e Ecologia, sediada em Helsínquia (Finlândia) e da União Internacional de Trabalhadores da Alimentação e Agricultura (UITA), Sebastião Pinheiro. No júri, estão confirmados, entre outros, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, doutor em Direito UFPR, procurador do estado do Paraná, professor e coordenador do curso de Mestrado em Direito Sócio-Ambiental da PUC-PR; Azelene Kaigang, integrante do Warã, Instituto Indígena Brasileiro, representante dos povos indígenas no Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea); Laymert Garcia, livre docente da Unicamp e membro do Instituto Sócio-Ambiental (ISA); Walter Pengue, engenheiro agrônomo, consultor agropecuário e pesquisador da Universidade de Buenos Aires. Informações sobre o Tribunal Internacional Popular sobre os transgênicos podem ser obtidas no site www.transgenicosnotribunal.org.

Monsanto e Farsul não receberam organizadores do Tribunal

Oficiais do Tribunal Internacional Popular sobre Transgênicos tentaram visita, no dia 17 de fevereiro, a Monsanto do Brasil e a Federação de Agricultura (Farsul). As citações encaminhadas pelo presidente do tribunal, José Felipe Ledur, juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 4a Região, não foram recebidas pela empresa nem pela federação. O tribunal é organizado por mais de 30 entidades.

Vaticano: jogando luz sobre o debate dos OGM

Com o objetivo de compreender melhor os aspectos científicos e éticos do debate sobre os OGM (organismos geneticamente modificados), o Pontifício Conselho Justiça e Paz (PCJP) organizou um seminário internacional (10-11 de novembro de 2003) sobre o tema: ‘OGM: ameaça ou esperança?’ Insistindo em que o seminário não pretendia oferecer conclusões finais sobre o tema, o Vaticano manifestou que não há soluções fáceis e é possível que passe muito

tempo antes que se chegue a uma política firme sobre o tema. O Pe. Roland Lesseps SJ leu um documento, assinado também pelo Pe. Peter Henriot, sobre as dimensões éticas do uso dos OGM à luz do Ensino Social da Igreja e do marco teológico mais amplo da criação. Roland Lesseps trabalha como cientista no Kasisi Agricultural Training Center e o Pe. Peter Henriot é o Diretor do Jesuit Centre of Theological Reflection, Lusaka, Zâmbia. Suas manifestações basearam-se no compromisso com a vida diária de pequenos agricultores e nas suas análises de problemas relativos à segurança agrícola e alimentar. O Pe. Lesseps notou que durante o seminário poucas vozes se haviam levantado contra o uso dos OGM e que as vozes a favor podiam ganhar a batalha. As informações foram divulgadas pelo boletim eletrônico **Headlines**, disponível em www.sjweb.info/sjs. Sob o título 'Transgênicos em debate', **IHU On-Line** abordou o debate sobre as implicações éticas, sociais e teológicas do uso dos OGM, inclusive publicando um artigo de Roland Lesseps acima citado, na edição nº 72, de 25/08/03.

Registro da marca Cupuaçu é negado a multinacional no Japão

O Escritório de Marcas do Japão (JPO) cancelou o registro como marca comercial do nome do fruto amazônico cupuaçu, solicitado pela multinacional japonesa Asahi Foods. A decisão foi tomada no dia 1º de março. O cancelamento do registro da marca impede legalmente a comercialização, em território japonês, de qualquer produto com o nome cupuaçu, como bombons, geléias ou até o cupulate, chocolate de cupuaçu desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Segundo a ONG ambientalista Amazonlink, o JPO concluiu que a legislação japonesa não permite o registro de uma marca caso ela indique, de forma descritiva, o nome comum de matérias-primas. Como no caso de "cupuaçu", fruta da qual se extraem óleos e gorduras comestíveis. Foi este, aliás, o principal argumento apresentado na ação de cancelamento pelas organizações sociais Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), Amazonlink, APA Flora e outros, protocolada em 20 de março de 2003. A Asahi Foods poderá recorrer judicialmente da decisão, no prazo de 30 dias. Os responsáveis pela ação destacaram que o episódio "demonstra o poder que a sociedade civil teve e tem para reagir frente a monopolização dos conhecimentos tradicionais e das riquezas amazônicas" e serve de alerta contra a biopirataria. A notícia foi divulgada pela **Amazonlink** (www.amazonlink.org).

Prisão de padres jesuítas que protestam contra a manutenção da antiga Escola das Américas

O boletim eletrônico **Headlines**, editado pela Cúria Geral da Companhia de Jesus, informa que o Pe. Joseph E. Mulligan SJ da Nicarágua foi mantido preso por três meses em prisão federal; o irmão Mike O'Grady SJ, USA, por 32 dias no cárcere de Muscogee County; e o Pe. Ben Jimenez, SJ, USA: posto em liberdade depois de cumprir sua pena. Eles foram presos no dia 23 de novembro de 2003 por ultrapassar o limite da propriedade federal e condenados à prisão no dia 26 de janeiro de 2004. O ato de desobediência civil fazia parte de um protesto contra o Western Hemisphere Institute for Security Cooperation, antes conhecido como a Escola das Américas. Fundada pelos Estados Unidos em 1946, a Escola das Américas estava inicialmente localizada no Panamá, mas em 1984 foi transferida para a base do exército em Fort Benning, Geórgia, USA. A Escola das Américas foi responsável pela formação e treinamento de lideranças militares latino-americanas, especialmente. Seus cursos ensinavam técnicas de combate à guerrilha e métodos de silenciar líderes e militantes de movimentos sociais, sindicalistas, jornalistas e o clero militar. Adequando-se ao final da Guerra Fria, a escola adotou uma postura discreta, mas continua treinando militares estrangeiros, transmitindo-lhes a visão norte-americana de 'segurança'.

Senado francês aprova lei que proíbe símbolos religiosos nas escolas. Ricoeur critica

Uma lei que proíbe o uso de véus islâmicos e outros símbolos religiosos, como o solidéu judaico ou mesmo cruzes ‘grandes’, foi aprovada pelo Senado francês e deve ser sancionada pelo presidente Jacques Chirac. A nova regra foi criada pelo governo com o objetivo de reduzir o conflito religioso nas escolas públicas, mas tem recebido fortes críticas de muçulmanos na França e no exterior. O Papa João Paulo II também criticou a lei. A notícia foi divulgada pela **Folha de S. Paulo**, que na edição de 28 de fevereiro já publicara que o Papa declarou que “seria contrário a uma liberdade bem conhecida apagar os símbolos que representam crenças pessoais ou comunitárias”. O mesmo jornal, na edição de 29 de fevereiro, publicou uma declaração do filósofo Paul Ricoeur a propósito da proibição iminente, transcrita do jornal **Le Monde**. Abordando a questão do multiculturalismo, ele definiu a França como um dos países “mais mal colocados para resolver esse problema com sucesso”, devido à sua tradição “centralizadora e jacobina”. Ele teme que a lei reforce “a exclusão, quando o objetivo é conduzir todos os jovens ao término de seus estudos”. De Paul Ricoeur, **IHU On-Line** publicou um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, na 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003.

Mais mulheres procuram trabalho e ganham menos

Um levantamento divulgado dia 4 de março pela Fundação Seade, em São Paulo, mostrou que de cada cem mulheres em idade ativa (de 10 anos para cima) que moram na Região Metropolitana de São Paulo, 55 estão no mercado de trabalho - empregadas ou à procura de emprego. A taxa de atividade feminina atingiu 55,1%, a maior desde 1985, quando a Fundação Seade iniciou a pesquisa. Em 2002, o índice era de 54,4%. De acordo com o jornal **O Globo**, que publica a notícia na edição de 5 de março, o avanço das mulheres no mercado de trabalho deve-se à “queda de 12,9% no rendimento médio real do trabalhador ano passado, quando a economia do país encolheu 0,2%, segundo o IBGE”. Em 1999, a população feminina respondia por 40% dos que procuravam empregos na Central de Apoio ao Trabalhador (CAT). Em 2003, o percentual subiu para 49%. Conforme o jornal, “uma das explicações para aumentar o espaço das mulheres no mercado de trabalho pode estar nos salários. Em 2003, o rendimento médio das mulheres na Região Metropolitana de São Paulo foi de R\$ 717, contra R\$ 1.100 dos homens. Na comparação com 2002, o rendimento das mulheres caiu 6,5%, enquanto o dos homens foi reduzido em 6,1%. Segundo a Fundação Seade, houve uma interrupção do movimento de aproximação entre o rendimento masculino e feminino”.

Jornada feminina chega a 62 horas

“Baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o estudo diz que 90% das mulheres que estão no mercado de trabalho realizam também afazeres domésticos. Só 40% dos homens fazem esse trabalho”, denominado “trabalho para reprodução social”, já que não é remunerado mas é vital para a sociedade”. Enquanto os homens que realizam afazeres domésticos cumprem uma jornada de trabalho de 55 horas semanais (44 horas no mercado de trabalho e 11 em casa), as mulheres chegam a cumprir 62 horas. Especialistas entrevistados pelo jornal observam que a ausência de políticas públicas que amparem o trabalho feminino levará ao agravamento do problema. Eles também criticam os mecanismos como ‘bancos de horas’, quer permite o trabalho fora dos horários normais, inclusive aos sábados e domingos, pois eles criam uma ‘desorganização social’ e um desajuste familiar.

Frases da Semana

O poder das idéias

“Não acreditamos no Brasil no poder das idéias; essa talvez seja a causa mais poderosa de nossa desgraça” – Roberto Mangabeira Unger, no artigo ‘Caminho Agora’ – **Folha de S. Paulo**, 2-3-04.

Dívida externa e os pobres

“Não pagaremos a dívida às custas da fome e da exclusão de milhares de argentinos” – Néstor Kirchner, presidente da Argentina – **Página/12**, 2-3-04.

“Pensamos que não nos servirá qualquer acordo de Livre Comércio das Américas. Um acordo não pode ser um caminho de uma só via, de prosperidade numa só direção. Um acorde deve fazer-se tendo presente as fortes assimetrias existentes, caso contrário, aprofundará a injustiça e ocasionará a quebra das nossas economias” – Nestor Kirchner, presidente da Argentina – **Página/12**, 2-3-04.

“Enquanto Kirchner lança os seus desafios e enfrenta ruidosamente os credores e o FMI, Lula faz o seguinte gesto, tipicamente brasileiro: convida o diretor-gerente do Fundo, Horst Köhler (um alemão nada romântico), para um churrasco em Brasília... Churrasco na Granja do Torto e ‘Crepúsculo dos Deuses’ em Buenos Aires” – Paulo Nogueira Batista Jr., economista e professor da FGV-EAESP no artigo ‘O Brasil deve apoiar Argentina’ – **Folha de S. Paulo**, 4-3-04.

O Oscar

“O Oscar Tupiniquim de melhor curta-metragem: o PIB brasileiro” - coluna do José Simão, **Folha de S. Paulo**, 3-3-04.

“O Oscar Tupiniquim de melhor roteiro adaptado: política econômica do Palocci!” - coluna do José Simão, **Folha de S. Paulo**, 3-3-04

Bush: vulnerável, estúpido, corrupto!

“É preciso se livrar do atual governo dos Estados Unidos: vulnerável, estúpido e corrupto. Todas as forças positivas do país devem mobilizar-se para, simplesmente, restaurar o sentido comum” - Noman Birmbaum, sociólogo norte-americano, que acaba de publicar o livro, traduzido para o espanhol sob o título *Depois do progresso. Reformismo social estadounidense e socialismo no século XX*. Madrid: Tusquets Editores, 2004, em entrevista publicada no jornal **El País**, 3-3-04.

O PT na encruzilhada

“Nós estamos numa encruzilhada. Eu vejo o PT perplexo, os petistas históricos estão desanimados, não estão entendendo nada. Eu percebo uma grande desorientação, uma grande desorganização” - Plínio de Arruda Sampaio, economista, um dos fundadores do PT em entrevista publicada no jornal **Brasil de Fato**, 5-3-04.

“Ao aprofundar o desmantelamento do Estado, o PT amplia as zonas de sombra e cava seu próprio fosso. Simulacro do PRI mexicano, que após uma revolução pôde unificar os interesses mais conflitantes, o PT renuncia às suas críticas anteriores, anula as da sociedade e desprotege o Estado”. – Francisco de Oliveira, professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e coordenador científico do

Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da faculdade, no artigo 'Estado e mercado, fronteiras da corrupção' – **Folha de S. Paulo**, 4-3-04.

A nova transnacional

"*Não houve fusão, mas a aquisição da AmBev pela Interbrew*". – Luís Nassif, jornalista, na coluna 'As dúvidas sobre a AmBev' – **Folha de S. Paulo**, 4-3-04.

"*Trata-se de uma operação sofisticada, que caracteriza à primeira vista uma fusão, mas cujo resultado será a venda da AmBev*" - Amarilis Romano, analista da consultoria Tendências – **O Globo**, 4-3-04.

"*O interesse de belgas e brasileiros é evitar a impressão que a empresa européia adquiriu a brasileira*". – comentário do jornal **El País**, 4-3-04.

Reforma universitária

"*Não haverá reforma universitária vertical, imposta pelo governo. Queremos debate e participação, faremos miniconstituintes nas cinco regiões, com aferição das tendências sobre os principais temas. Em novembro, enviaremos ao Congresso o projeto da Lei Orgânica do Ensino Superior*". - Tarso Genro, ministro da Educação, na coluna Teresa Cruvinel, **O Globo**, 4-3-04.

A ata do Copom

"*A ata da 93ª reunião é onomatopéica. Soa como um carro bomba: co...pom!*" - Antonio Delfim Netto, economista e deputado federal, no artigo 'A ata onomatopéica', comentando a ata da última reunião do COPOM - **Valor Econômico**, 2-3-04.

"*Se economia fosse apenas matemática, o Copom poderia ser substituído por um computador. Mas quem o programaria?*" – João Carlos Oliveira, em 'A parte e o todo', www.primeiraleitura.com.br.

Haiti: protetorado dos EUA

"*Haiti regressa ao protetorado. O embaixador dos EUA, James Foley, forçou a saída de Aristide e manda no país caribenho*" – manchete da reportagem do jornalista Juan Jesus Aznarez, enviado especial do jornal espanhol **El País**, 6-3-04.

Big Brother x Waldomiro

"*Mais gente assiste ao Big Brother Brasil do que está informada sobre o Waldomiro da Caixinha, um caso fácil de entender*" – Vinicius Torres Freire, jornalista – **Folha de S. Paulo**, 8-3-04

Governo Lula

"*Lula segura o PT. Planalto reage às críticas do PT à política econômica*" – manchete do jornal **O Globo**, 8-3-04.

"*Palocci é o nosso Deng Xiao Ping*" - Aldo Rebelo, PCdoB, ministro da Coordenação Política – **O Globo**, 8-3-04.

ACONTECE

CADERNOS IHU IDÉIAS

Caderno nº 10 – Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo - Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.

Este leve, profundo e atraente tema desenvolvido no artigo do Professor Édison, apresentado, no IHU Idéias de 20 de novembro de 2003, é uma obra prima. A rica reflexão sobre o significado do futebol para os brasileiros e para a mídia em nosso país marca esse texto profundo e ao mesmo tempo leve e de fácil compreensão. O foco do autor é a construção social da realidade no chamado “futebol-espetáculo”, tendo como base o discurso dos locutores e comentaristas das emissoras que transmitiram a partida do final da Copa de 1998, entre Brasil e França. As definições da realidade que aparecem através das interpretações desses locutores e comentaristas, sob as diferentes formas como o papel social do esporte, a honra, a ética e identidade nacional. Esses momentos raros de audiência massiva de 100 milhões de brasileiros em tempo de segmentação de público telespectador.

Gastaldo analisa como o futebol se constitui parte integrante da cultura brasileira contemporânea e como tal é fortalecido. A reflexão crítica do texto consegue mostrar o poder que os meios de comunicação tem de passar aos telespectadores uma visão dos fatos e da realidade como um todo, desde o olhar desses atores. Fundamenta em autores como Hall e Geertz a relação que se estabelece na medida que os significados culturais organizam e regulam as práticas sociais, influenciando a conduta dos sujeitos em um grupo social. “A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade...”

Não perca este belo artigo e o debate que o complementa com questões pertinentes dos participantes do IHU Idéias.

Este e os demais cadernos encontram-se à disposição na Livraria Cultural ao lado do Instituto Humanitas Unisinos.

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

A PAIXÃO DE JESUS CRISTO SEGUNDO MATEUS, DE J. S. BACH, NA UNISINOS

A Páscoa deste ano será celebrada na Unisinos, oferecendo cultura e debate histórico à comunidade acadêmica. Celebraremos a morte e ressurreição de Jesus Cristo estudando, refletindo e meditando a obra clássica **Paixão de Jesus Cristo segundo Mateus**, de Johann Sebastian Bach. Todos os eventos são gratuitos e abertos, inclusive, à comunidade externa da

Universidade. A promoção é da Unisinos, em uma ação conjunta do Instituto Humanitas Unisinos e da Difusão Cultural da Universidade.

A programação inicia no dia 1º de abril, com o **IHU Idéias** apresentado pela Profª Drª Yara Borges Caznok, professora de Harmonia e Análise no Instituto de Arte da UNESP, e que terá como tema **Paixão: desde a Idade Média até o século XXI**. O evento será realizado das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos. A professora Yara é doutora em Psicologia Social pela USP e mestre em Psicologia da Educação pela PUCSP.

No dia 2 de abril, a Profª Drª Yara Borges Caznok fará duas audições comentadas de trechos da obra **Paixão de Jesus Cristo segundo Mateus**, de Johann Sebastian Bach. Os trechos foram selecionados pelo regente do coral Unisinos e regente assistente da Orquestra Unisinos, João Paulo Sefrin. A primeira audição será das 8h30min às 11h30min, no Miniauditório da Biblioteca Central da Unisinos. A segunda acontece das 19h às 22h, no Auditório da Antiga Sede da Unisinos, localizada na Rua Brasil, 275, Centro de São Leopoldo.

Após participar das audições comentadas sobre os trechos selecionados da obra de Bach, todos estão convidados, no dia 4 de abril, domingo, a assistir o Concerto de Páscoa intitulado **A paixão segundo São Mateus**, de Johann Sebastian Bach, regido por João Paulo Sefrin, a partir das 20h, no Anfiteatro Pe. Werner, localizado no Câmpus da Unisinos. O mesmo concerto será novamente executado no dia 7 de abril, a partir das 20h, no Teatro Dante Barone, da Assembléia Legislativa de Porto Alegre.

SALA DE LEITURA

A primeira edição do evento **Sala de Leitura** de 2004 foi realizada no último dia 2 de março, com a apresentação do livro **Máquinas de sentido: processos comunicacionais em saúde**, organizado por Jacqueline Oliveira Silva e Ronaldo Bordin (Porto Alegre: Dacasa, 2003, 164p.). A professora Jacqueline, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, foi a responsável pela condução do debate. Os leitores podem conferir a entrevista concedida pela professora ao **IHU On-Line** na última edição, de 1º de março de 2004. Acompanhe o depoimento de quem estava lá e prestigiou a exposição:

Ecos do Evento

“São espaços como o **Sala de Leitura**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, que a Universidade precisa para envolver a comunidade acadêmica. Quanto à apresentação do livro **Máquinas de sentido: processos comunicacionais em saúde**, pela Profa. Dra. Jacqueline Oliveira Silva, podemos perceber seu domínio e coerência na organização e explanação de cada um dos artigos que compõem o livro. Perfilando cada autor, a organizadora salienta a importância e o prazer de constituir um livro com um tema comum entre as diversas áreas do saber. Ao participar de um espaço como este, como co-autor, senti-me envolvido e enternecido pela socialização do trabalho em mais este meio”.

“Tiago Martinelli, aluno do curso de Serviço Social da Unisinos, bolsista de iniciação científica, e co-autor do capítulo “Educação popular e comunicação em saúde: buscando as interfaces?”, do livro apresentado.”

“Achei muito interessante o aspecto levantado pela professora Jacqueline sobre as doenças midiáticas. São aquelas doenças que ganham um destaque elevado da imprensa, fazendo as pessoas acreditarem que essas são as maiores doenças, quando há outras que são

verdadeiramente mais abrangentes e que não aparecem na mídia. Eu nunca tinha me dado conta disso. Com esse evento, percebi que há uma grande e excelente produção interna na Unisinos, e isso não é divulgado. Este é o papel do Instituto Humanitas Unisinos, já que o momento atual pede a transdisciplinaridade, e não que cada área trabalhe isoladamente".

Jacinto Schneider, gestor administrativo do Instituto Humanitas Unisinos.

*Na próxima edição de Sala de Leitura, dia 23 de março de 2004, será apresentado, pelo autor, o livro **Gritos silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na História**, do professor Dr. Hilário Henrique Dick (São Paulo: Loyola, 2003, 307p.), articulador do Grupo Temático Juventude, do IHU, e coordenador do Curso de Especialização em Juventude da Unisinos.*

IHU Idéias

No último dia 4 de março, **IHU Idéias** retomou suas atividades do ano de 2004. Abordando o tema *Corpos ilustrados: tatuagem e autonomia sobre a anatomia*, a Profa. MS Débora Krischke Leitão, doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) conduziu a explanação com base em dois projetos de pesquisa por ela realizados. O primeiro foi com um grupo de tatuados e tatuadores freqüentadores de um estúdio profissional em Porto Alegre, grupo esse que tem a tatuagem como símbolo de identidade pessoal. O segundo projeto, baseado em sua dissertação de mestrado, foi sobre a tatuagem no universo feminino, mais voltada ao aspecto estético. A temática foi discutida em uma entrevista exclusiva ao **IHU On-Line** na 90ª edição, de 1º de março de 2004.

Ecos do Evento

"Foi realmente muito bom. Acho que poderia ser mais enfatizada a divulgação desse evento fora da Unisinos. Ficamos sabendo por meio de convite feito pela palestrante. O tema abordado é um dos muitos que ajudam a compreender a sociedade contemporânea. Pela tatuagem, é possível fazer uma leitura da sociedade e não limitar-se somente à marca exclusiva feita por cada pessoa".

Leandra Mylius, mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

"A palestra foi muito boa em relação ao aspecto das consequências de fazer uma tatuagem e dos cuidados que se deve ter ao fazê-la".

Mauro Fabris, visitante.

"O tema é interessante e bem escolhido como campo de pesquisa. Achei interessante a abordagem da tatuagem como moda e da tatuagem como identidade, feita por prazer. Esse é um assunto diferente pela abordagem que a palestrante faz da tatuagem contemporânea. Sugiro como tema de um próximo **IHU Idéias** a tatuagem mística e religiosa".

Virnei Silva, formado em Jornalismo na Unisinos.

VOLUNTARIADO NA UNISINOS É PRÓXIMO TEMA

Nesta semana, o voluntariado ganha espaço nas discussões de **IHU Idéias**. Dia 11 de março, quinta-feira, a professora MS Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da área de concentração Teologia Pública, do Instituto Humanitas Unisinos, apresentará o tema de sua dissertação de mestrado, intitulada **O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos**.

Licenciada em História pela PUCRS e graduada em Direito pela Unisinos, Rosa Bavaresco concluiu, no ano passado, o mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos. Confira a seguir a entrevista que concedeu a **IHU On-Line** sobre a apresentação do tema na próxima quinta-feira.

IHU On-Line- Quais os principais pontos que serão destacados na apresentação?

Rosa Bavaresco- O nosso estudo considera o voluntariado como ação e a base teórica tem em Hannah Arendt o seu referencial. É pela ação que os seres humanos interagem, dão-se a conhecer, constroem-se e constroem a historicidade da humanidade. A ação não é neutra, traz uma dose de poder e é, por esta razão, que se ela não estiver imbuída de uma ética que contemple os princípios da justiça e da solidariedade, pode ser geradora de opressão. Disso resulta que a ação passa a não se constituir em uma possibilidade para que seja alcançada a emancipação e o empoderamento pelas pessoas humanas ou pelos grupos sociais. Além da ação da justiça e da solidariedade, outro aspecto a ser evidenciado é o do voluntariado inteligente, ou seja, quando esta ação voluntária se caracteriza por um compromisso que busca transformar as estruturas da sociedade geradoras de opressão, as quais aviltam a dignidade da pessoa humana.

IHU On-Line- Quais os perigos nos diversos discursos sobre voluntariado?

Rosa Bavaresco- A necessidade de que haja uma solidariedade crítica tem como uma de suas finalidades ajudar na leitura dos diferentes discursos que se apresentam. Destacaríamos dentre esse perigos: 1- aquele que, ao se apropriar da linguagem simbólica pertencente a determinados grupos sociais que sofrem os efeitos da exclusão, reforça os mecanismos e aprofunda o fosso existente entre aqueles que estão na parte superior da pirâmide social e na sua base; 2- o voluntariado que assume as funções do Estado deixando, portanto, de buscar as transformações estruturais que se fazem necessárias; 3- o discurso voltado apenas para a dimensão da caridade, perpetuando uma situação de dependência; 4- o voluntariado como modismo.

IHU On-Line- O que mais caracteriza o voluntariado na Unisinos?

Rosa Bavaresco- A investigação mostrou-nos que os acadêmicos procuram, predominantemente, o estágio voluntário como uma prática que vai lhes possibilitar sanar deficiências em seu currículo acadêmico ou possibilitar-lhes maior experiência para atuar na profissão. Um aspecto relevante é aquele que se refere às possibilidades para o exercício do voluntariado na Unisinos. Ele está definido como estágio voluntário, localizado em programas, projetos e serviços voltados para ações comunitárias. Como estágio voluntário, ele segue as diretrizes estabelecidas pela Resolução número 002/2001, tendo uma supervisão e estando vinculado à área de conhecimento ao qual seu curso pertence.

IHU On-Line- Por que há necessidade de voluntariado numa universidade?

Rosa Bavaresco- A universidade, além de geradora de conhecimento, tem, entre seus compromissos referentes à função social que lhe cabe na sociedade, o da formação de pessoas humanas. Incumbe-lhe, não somente preparar profissionais tecnicamente qualificados,

mas, primordialmente, possibilitar aos acadêmicos uma formação para que sejam pessoas humanas éticas, comprometidas com a sociedade em que atuam; solidários para com aqueles que se encontram em situação de desfavorecimento; críticos diante da realidade sócio-político-econômica de seu país e do mundo

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de março e 1º de abril:

18/03/04 – “Evangelische Stift: uma escola para moças das melhores famílias” - Profa. MS Marlise Regina Meyerer – Professora na Unisinos.

25/03/04 – “Processos Midiáticos e construção de ‘novas’ religiosidades” - Prof. Dr. Antônio Fausto Neto – Professor na Unisinos.

1/04/04 - Paixão: desde a Idade Média até o século XXI – Profa. Drª Yara Borges Caznok, professora de Harmonia e Análise no Instituto de Arte da UNESP

ABRINDO O LIVRO

O evento **Abrindo o Livro** tem sua primeira sessão deste ano agendada para o dia 16 de março, das 19h45min às 22 horas. Na ocasião, a professora Dra. Ivete Leocádia Manetzeder Keil, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, fará a apresentação do livro **História da loucura**, de Michel Foucault. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 551p., na sala 1G119 do IHU. **Abrindo o Livro** é um evento gratuito, que propõe a apresentação de livros estrangeiros e/ou nacionais de difícil acesso, para discussão e conhecimento da comunidade acadêmica e interessados.

ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS

Já iniciaram as sessões do evento gratuito **Encontros de Ética para Alunos**, que tem como objetivo criar um espaço de debate, transmissão, aprofundamento e troca de conhecimentos e experiências acerca de fatos e temas de ética, relacionados às linhas temáticas do Instituto Humanitas Unisinos; e contribuir para a formação integral do aluno, a fim de que, como cidadãos e profissionais, sejam agentes de mudança da sociedade.

A primeira edição deste ano aconteceu no dia 1º de março e teve como tema *As mudanças culturais na família contemporânea*, com a Profª. Drª. Valburga Schmiedt Streck, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

O próximo encontro, na sala 1G119 do IHU, será das 17h30min às 19h: Dia 15/03: *A ética e os sentidos identitários na TV* – Profª. Drª. Suzana Kilpp

CICLO DE ESTUDOS SOBRE MICHEL FOUCAULT

Com o apoio dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas e em Filosofia da Unisinos, e por ocasião do vigésimo aniversário da morte de Michel Foucault, o Instituto Humanitas Unisinos oferece à comunidade universitária um evento que pretende aprofundar o pensamento de Michel Foucault, conceitos ordenadores, categorias histórico-sociais e seu método arquegenealógico, observando suas particularidades e reais contribuições para uma análise da racionalidade emergente na sociedade contemporânea. A inscrição pode ser feita no setor de Admissão e Matrícula da Unisinos. A taxa é de R\$ 170,00 à vista ou parcelado em até 3 vezes. Será fornecido certificado aos participantes que tiverem, no mínimo, 75% de freqüência.

Primeiro módulo do Ciclo:

Tema: Foucault, a filosofia e a literatura

Prof. Dr. Roberto Cabral de Melo Machado – Professor na UFRJ

Data: 01 de abril

Horário: 19h45min às 22h

Local: Auditório Central

Para maiores informações consulte www.ihu.unisinos.br

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O MÉTODO, DE EDGAR MORIN

Inicia, no próximo dia 14 de abril e estende-se até 11 de novembro de 2004, um novo evento promovido pelo IHU, o Ciclo de Estudos sobre *O Método*, de Edgar Morin. Coordenado pelos professores doutores José Roque Junges e Inácio Neutzling, o Ciclo tem como objetivo geral possibilitar um primeiro acesso e um maior aprofundamento do paradigma da complexidade a partir da obra *O Método* de Edgar Morin. Dentro disso, pretende-se, também, explicitar os pressupostos e as linhas fundamentais do pensamento de Edgar Morin; apresentar as idéias básicas de cada um dos cinco volumes da obra *O Método*; descrever as características do paradigma da complexidade; aplicar a perspectiva da complexidade em algumas áreas acadêmicas (educação, saúde, direito, economia, filosofia); compreender os pressupostos e as aplicações da transdisciplinaridade.

As inscrições estão abertas e podem ser feitas no setor de Admissão e Matrícula da Unisinos. A taxa é de R\$ 180,00 à vista para acadêmicos e R\$ 300,00 à vista para profissionais. Em ambas as situações, pode ser feito o parcelamento em até 4 vezes. Será fornecido certificado aos participantes que tiverem, no mínimo, 75% de freqüência no evento.

Para maiores informações confira www.ihu.unisinos.br

II CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

Dando seqüência à primeira edição do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, realizado no ano de 2003, o Instituto Humanitas Unisinos lança o *II Ciclo de estudos sobre o Brasil*, numa promoção conjunta com as Ciências Humanas e com o apoio das Ciências da Comunicação e Ciências Econômicas da Unisinos. A comissão organizadora é composta pelo Prof. Dr. Inácio Neutzling, Profa. MS Vera Regina Schmitz, Profa. Dra. Berenice Corsetti, Prof. Dr. Fabrício Lopes da Silveira e Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa. O *II Ciclo de estudos sobre o Brasil* objetiva estudar, de maneira interdisciplinar, alguns textos clássicos que analisam a formação histórica, social, econômica, política e cultural do Brasil visando, a médio prazo, a constituir um grupo de estudos avançados sobre a realidade brasileira. O evento é dividido em dois módulos, com inscrições individuais ao custo de R\$ 35,00. O valor da inscrição para os dois módulos é de R\$ 65,00. Será fornecido certificado por freqüência aos que comparecerem em, no mínimo, 75% dos encontros. Com exceção da última sessão do Ciclo, toda a programação acontece na sala 1G119 do IHU, das 14h às 17h. Os interessados na possibilidade de aproveitamento da atividade como horas complementares, devem consultar o coordenador do seu curso de graduação.

Primeiro módulo:

Livro: *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco

Profª Drª Eliane Deckmann Fleck – Professora na Unisinos

Data: 01 de abril

Mais informações, confira: www.ihu.unisinos.br

ESTUDANDO AS RELIGIÕES I - O ESPIRITISMO KARDECISTA

O Instituto Humanitas Unisinos, através do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDIREC), está promovendo o evento ***Estudando as Religiões I = O Espiritismo Kardecista*** a ser realizado dia 7 de abril de 2004, das 17h às 18h30min, na sala 1G119 do IHU.

Coordenado pelo Prof. Dr. José Ivo Follmann e por Adevanir Pinheiro, o evento busca possibilitar a formação conjunta dialogada e participativa de acadêmicos, comunidades e lideranças de diferentes religiões ou opções religiosas atuantes na Região Metropolitana de Porto Alegre. Entre os tópicos que serão abordados no único encontro, estão a história do Espiritismo Kardecista e alguns aspectos específicos a aprofundar quanto ao Espiritismo Kardecista hoje. Ao final, haverá tempo para a troca de idéias dos participantes com o ministrante Irmão Antonio Cazzuni Dias, do Círculo Espírita Francisco de Assis (CEFA), de São Leopoldo. O evento é gratuito e dirige-se a líderes religiosos, professores do Ensino Religioso, acadêmicos da Unisinos e em geral, e participantes de comunidades.

IHU REPÓRTER

Gabriela Gonçalves

O que um Relações Públicas faz? Para que ele existe? Essa pergunta que tantas vezes motivas os profissionais de RP a reagir com entusiasmo, falando de sua profissão é um dos desafios de Gabriela Gonçalves, coordenadora do Curso de Relações Públicas da Unisinos. Com simplicidade e extrema simpatia, Gabriela, que assumiu a coordenação do curso no início do semestre, afirma que mostrar com clareza a identidade e missão de um RP é um dos seus principais desafios na Unisinos.



Inícios- Nasci em Porto Alegre e com um ano de idade fui morar em Passo Fundo com a minha família. Meu pai é advogado e minha mãe, psicóloga, mas não exerce a profissão, é dona de casa. Tenho uma irmã mais nova. As lembranças que mais guardo da infância em Passo Fundo estão ligadas ao colégio, ao pátio, à convivência com os amigos e às aulas de educação artística. Tenho saudades dessa época. Também é delicioso lembrar do bar do meu avô. Cresci dentro do “Bar Oriente” (já fechado), tomando sorvete e comendo chocolate e bala de goma...

Profissão- Voltei a Porto Alegre em 1993, aos 19 anos, para fazer Relações Públicas na PUCRS. Batalhei bastante para pagar a faculdade. Fiz de tudo. Vendedora, promotora, diversos estágios até que consegui me formar em 1997. Uma vez formada, fui trabalhar numa concessionária de automóveis para a qual eu tinha feito um projeto ao longo do curso. Eles me

chamaram para implementar o projeto. Posteriormente, num momento de crise da empresa, suspenderam a área de comunicação. Fiquei um ano sem trabalhar, pensando o que poderia fazer. Decidi, então, que continuaria estudando e ingressei no Mestrado da PUCRS, ao mesmo tempo em que comecei a trabalhar numa rede de lojas de CDs, em Porto Alegre. Quando estava finalizando o mestrado, li um anúncio no jornal que a Unisinos precisava de professores e, em 2001, me integrei ao corpo docente da Universidade. Em 2002, fui coordenadora adjunta do Curso de Relações Públicas e, agora, estou iniciando a gestão de coordenadora do Curso.

Família- Amor. Sou casada há dois anos e morro de saudades da minha mãe...

Autor- Roberto Simões, foi meu orientador no Mestrado e quem mais influenciou minha forma de ver e viver a profissão.

Livro- Relações Públicas: função política, de Roberto Simões (claro!).

Filme- *Vá onde seu coração mandar*. O filme é italiano, baseado no livro com o mesmo título, de Susanna Tamaro. (Rio de Janeiro: Rocco, 1998)

Nas horas livres- Escutar música dos anos 1980, tanto MPB quanto Pop. Outra coisa que adoro fazer é tomar sorvete.... Gostinho de infância!

Uma grande paixão- Viajar. Amo trabalhar.

Um grande sonho- Ser mãe.

Relações Públicas- É o gestor da função política da organização. Desenvolve o relacionamento entre a organização e seus públicos para encontrar caminhos que satisfaçam a ambos.

Unisinos- Um lugar de grande acolhida. Meu primeiro vestibular foi aqui, mas, porque não tinha como financiar o curso, voltei para Passo Fundo. Guardei uma lembrança muito boa do esforço que fizeram aqui para tentar me ajudar a custear o curso. A Unisinos é uma Universidade muito humana. Um dos desafios maiores para mim, dentro da Universidade, é o de dar credibilidade para a profissão e ao curso de Relações Públicas. A grande maioria não sabe o que é um RP e isso prejudica a carreira e o curso.

IHU- Gostaria de conhecer mais o Instituto Humanitas Unisinos. A imagem que tenho dele está relacionada a projetos humanos e sociais.

Sala de Leitura

Confira o que estão lendo os nossos colegas da Unisinos



"Com raras exceções, as empresas não operam mais em mercados regionais seguros. Os níveis de concorrência se tornaram alarmantes em decorrência do incontrolável fenômeno da globalização. Um mercado que hoje é estável pode amanhã se tornar turbulento, em decorrência de novos entrantes, que podem alterar significativamente as variáveis ambientais até então sob relativo controle. Nesse contexto, o caminho para minorar os efeitos da concorrência é a empresa explorar suas vantagens competitivas e torná-las permanentes, devendo, para isso, utilizar-se de um processo de administração estratégica para entender as forças da concorrência e desenvolver e manter as mencionadas vantagens, e é justamente sobre estes pontos mencionados que trata o livro que atualmente estou lendo: **Administração Estratégica**, com 550 páginas, de autoria de Michael A Hitt, R. Duane Ireland e Robert E. Hoskisson, editado pela Thomson, em 2002.

Prof. Auster Nascimento, das Ciências Econômicas da Unisinos, doutor em Administração pela USP.



"Atualmente estou lendo o último livro de Pierre Rosanvallon, ***Le modèle politique français: la société civile contre le jacobinisme de 1789 à nos jours***, publicado no mês de janeiro de 2004 pela Editora Seuil, de Paris, com 450 páginas. O autor é professor do Collège de France e titular da cadeira de história moderna e contemporânea da política. O seu estudo procura destacar o caminho que a democracia vem percorrendo até a sua aceitação universal no século XXI, ainda que sua reivindicação possa conter alguma perplexidade quanto a seu modo de exercício. Com efeito, por um lado, percebe-se a presença de uma aspiração crescente pelo pluralismo e descentralização, com o fortalecimento de instrumentos jurídicos de contre-pouvoirs, que permitiriam um controle mais realista das instituições políticas. Por outro lado, persiste a expectativa por um espaço político forte, centralizado e capaz de expressar a vontade geral de forma eficaz, evitando-se desse modo, o perigo de uma *gouvernance* sem governo. A proposta do autor seria a de revisitar a cultura política jacobina da França, destacando igualmente, nesse estudo, as manifestações de resistência de parte da sociedade civil. A universalidade da idéia de democracia sofre ainda a influência do sucesso e do fracasso de experiências históricas. O autor propõe um estudo da história da França para compreender o sentido dual e aberto da democracia que, juntamente com a política, exigem uma redefinição da soberania, do processo de legitimação da representação política, bem como as condições e os caminhos para expressar o interesse comum numa sociedade complexa".

Prof. Anderson Lobato, das Ciências Jurídicas da Unisinos, doutor em Direito pela Université de Sciences Sociales de Toulouse, USCT, França

Cartas do Leitor

Parabéns pela excelência da publicação. Agradeço por ter sempre surpresas agradáveis, a cada novo número, em termos de qualidade das matérias e de compartilhamento do que de melhor nossos professores e demais entrevistados têm a oferecer sobre temas e problemas atuais.

Um abraço a todos. Continuem crescendo, para o bem da nossa comunidade e de todos os leitores do IHU On-Line.

Emi Maria Santini Saft
Diretora da Unidade Acadêmica de Graduação da Unisinos

Física Quântica

Gostaria de propor um "tema" para o próximo encontro do IHU Idéias. O assunto: "Física Quântica". A todo o momento estou ouvindo falar sobre a Teoria Quântica, sobre suas ilimitadas aplicações para o futuro, sobre a mudança na visão de Mundo que ela fará, etc. Mas, por mais que tento buscar informações em revistas, livros e afins, mais confusa se torna a sua compreensão.

Gostaria que o IHU convidasse um físico para nos dar um bom panorama sobre esta nova teoria. Agradeço desde já a atenção do IHU.

Marcio Zanotto
Graduando de Ciências Biológicas da Unisinos

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaño (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihiuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS